



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS DE SÃO CRISTÓVÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

SAMAH DE OLIVEIRA SANTOS

**“DENTRO DA DEMOCRACIA, DA FAMÍLIA FELIZ, TODOS GOZAM
DO USO DA VOZ E DA PALAVRA”: UM OLHAR SOBRE A OBRA A
SÉTIMA VEZ, DE ALINA PAIM**

São Cristóvão/SE

2019

SAMAH DE OLIVEIRA SANTOS

“DENTRO DA DEMOCRACIA, DA FAMÍLIA FELIZ, TODOS GOZAM DO USO DA VOZ E DA PALAVRA”: UM OLHAR SOBRE A OBRA A SÉTIMA VEZ, DE ALINA PAIM

Monografia apresentada à disciplina prática de pesquisa, do curso de História Licenciatura da Universidade Federal de Sergipe, como requisito para obtenção do título de licenciada em História.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Fernando de Araújo Sá

São Cristóvão/SE

2019

Sumário

INTRODUÇÃO.....	6
PRIMEIRA PARTE	8
I- HISTÓRIA E LITERATURA: LIMITES E POTENCIALIDADES.	9
II- ALINA PAIM: VIDA E OBRA.....	14
SEGUNDA PARTE	23
III- VELHOS, ESPANTALHOS DO PROGRESSO.....	24
IV- OLHOS PARA O CHÃO, BEIÇOS COSTURADOS.	37
V- O VÍRUS É A PALAVRA: A JUVENTUDE TEM COM O QUE SONHAR?	50
CONCLUSÃO.....	64
BIBLIOGRAFIA:.....	66

O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que tampouco os mortos estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer.

Walter Benjamin

RESUMO

A partir da análise da obra *A sétima vez*(1994), da escritora sergipana Alina Paim (1919-2011), buscamos, neste trabalho, fazer uma aproximação entre os campos da história e literatura com o objetivo de, certamente, contribuir para a fortuna crítica da autora, tentando compreender como a ditadura militar brasileira (1964-1985) foi abordada no âmbito ficcional. No romance, as memórias do protagonista Teodoro, um sexagenário, fazem-nos refletir sobre as consequências psicológicas de se viver em um sistema que se utiliza da violência, opressão, censura e do medo para se legitimar. Dentro desse contexto e a partir da desconstrução do personagem principal, três temas centrais nortearam nossa análise: a injusta desvalorização social que é legada à velhice em nossa sociedade; a educação como manifestação do autoritarismo brasileiro e ferramenta essencial para que nossas estruturas sociais continuem inalteradas; e, por fim, o trabalho como forma de capacitar a ascensão social do ser humano, mas também de, contraditoriamente, escravizá-lo.

Palavras-Chave: história, literatura, velhice, trabalho, educação, capitalismo.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo deslindar os caminhos possíveis de análise do romance *A sétima vez* (1994), de Alina Paim. A partir do contexto histórico, discutiremos sobre as consequências psicológicas que sofreu o ser humano que viveu em tempos em que a voz foi amordaçada. Atendendo a tendência da escritora sergipana de não deixar passar despercebido as discriminações que sofrem as minorias socialmente construídas, olharemos com atenção para o descaso que o velho sofre dentro da nossa sociedade, a partir das contribuições de Ecléa Bosi e Simone de Beauvoir.

No primeiro e segundo capítulos, refletiremos sobre a importância da literatura para a história e sobre algumas dificuldades que surgem quando tentamos aproximar essas duas áreas. Sem tentar impor determinada interpretação, queremos principalmente demonstrar o que a literatura é capaz de suscitar no leitor e reconhecer a importância dela para o crescimento individual do ser humano. Apresentaremos também um breve resumo sobre as obras e a vida de Alina Leite Paim, para que possamos nos familiarizar e entender os temas por ela abordados em seus escritos.

A segunda parte do trabalho é destinada à análise do conteúdo da obra. Especificamente no terceiro capítulo, “*Velhos, espantalhos do progresso*”, analisamos o papel do velho na sociedade capitalista e como ele é retratado no romance. Sua exclusão é feita através de mecanismos sutis capazes de fazer-nos concluir que sua desvalorização é sintoma de um sistema que rouba do ser humano toda a sua força física e mental quando é jovem, para descartá-lo quando os problemas inerentes à idade – e principalmente, do esforço exacerbado – começam a surgir como empecilhos para a produtividade e eficiência da empresa. Em contrapartida, o protagonista sexagenário Teodoro quer, através da narrativa, demonstrar aos leitores a sabedoria da experiência e do conselho, adquiridas somente através do tempo. Eis a razão de se ouvir com atenção aqueles que muito já viveram.

No quarto capítulo, “*Olhos para o chão, beijos costurados*”, nos dedicamos à desconstrução do personagem Teodoro a partir de suas memórias. Sua criticidade sobre o tempo em que vive o torna incapaz de perceber que usufrui também de vícios antigos da sociedade brasileira, tais como a tendência de aproximar e confundir a esfera pública com os interesses privados. A maneira autoritária que o trabalho é apresentado no romance traz à tona como ele se tornou um meio de ascensão e escravidão do ser humano. Sem tempo livre para

pensar, discutir ou se divertir, o protagonista compreende o advento da “modernidade” e da tecnologia com maus olhos, dado que antes o homem somente competia entre si, e hoje ele é obrigado a competir com a máquina e também entre os seus. Portanto, deve procurar uma incessante qualificação para que não seja deixado para trás.

No quinto e último capítulo, “*O vírus é a palavra: a juventude tem com o que sonhar?*”, procuramos demonstrar como a educação se tornou uma espécie de investimento. Ao invés de ser voltada a formar cidadãos conscientes e críticos de sua realidade, a educação e a forma autoritária que é imposta aos jovens faz parte de um sistema que a transformou em mercadoria. Essa realidade é evidenciada na narrativa através das lembranças que Teodoro faz quando descreve a educação libertadora da sua infância, graças à Professora Agripina.

Por outro lado, o que ele identifica com 67 anos de idade é a formação de uma grande quantidade de diplomas, de especializações, de doutores que saem em massa das universidades e que servem para garantir o barateamento da mão de obra. Formar cidadãos preocupados em mudar as desigualdades que continuam latentes na sociedade parece ser secundário e até inexistente na sociedade em que vive. Mesmo assim, a juventude tem com o que sonhar. Apesar do seu presente ser autoritário e do futuro ser incerto, Teodoro também narra esperança para a próxima geração. A sétima vez é quando finalmente decide não calar-se diante do autoritarismo e é a palavra que vai ser sua aliada para que todos da sua geração também desejem mudar.

PRIMEIRA PARTE

I- HISTÓRIA E LITERATURA: LIMITES E POTENCIALIDADES.

Para que consigamos adentrar nos aspectos reveladores do romance de Alina Paim, é necessário entendermos um pouco sobre as potencialidades da literatura quando colocada, lado a lado, com a história. A partir dos estudos de Norma Telles, para quem a literatura representa uma atividade geradora de imagens que podem implicar algo muito mais além do que se pode compreender, numa primeira observação, existe no texto literário uma multiplicidade de significados que podem ou não variar de acordo com o leitor, este que pode ou não ser induzido pelo autor a interpretar a obra segundo seus próprios objetivos, sejam eles ideológicos ou não. Para a autora, a sociedade humana se institui a partir de um processo de reciprocidade de trocas e variados sistemas de comunicação, que tem sempre o objetivo de enviar mensagens para outrem (TELLES, 2012, p.27).

Que não podemos distanciar a obra do contexto social em que foi produzida, todos já sabemos. Devemos nos atentar, na verdade, para a questão da realidade produzida na obra ficcional, pois ela não está necessariamente comprometida em transmitir, pela palavra, o que de fato aconteceu. O ato de escrever está relacionado à criatividade, à imaginação e à invenção. E como ninguém cria algo do nada, a criatividade é desenvolvida também através das memórias e das experiências e estas sim são indissociáveis do real.

Nesse sentido, não é difícil concluir que dados históricos, econômicos e culturais do contexto social importam, embora não sejam capazes de reduzir a obra literária a estes aspectos. Uma obra deve ser analisada levando-se em consideração a subjetividade e a objetividade do autor que giram em torno do processo de criação, bem como o viés interpretativo que cada pessoa, em um dado momento histórico, pertencente a uma determinada cultura, pode fazer dela. As estruturas econômicas, políticas e sociais presentes na vida em sociedade influenciam a produção artística, a ciência e as ações dos homens em determinado período, ainda que possam manter certa autonomia em relação a elas.

Em consonância com a tendência historiográfica francesa da década de 1920, representada por Lucien Febvre e Marc Bloch, as fontes históricas são ampliadas para além dos documentos oficiais. Novas portas se abrem para o historiador, que agora incluirá, em

suas pesquisas, todas as atividades humanas, como as sensibilidades do ser humano, as disputas de poder, a memória, as lutas simbólicas etc.

Nesse sentido, a denominada História Cultural observará mais a fundo as formas de representação que os grupos humanos fazem do mundo em cada tempo e espaço. É a partir dessas representações que o homem interpreta o mundo e a sua existência no mesmo. E como elas não são neutras, precisam ser analisadas com atenção devido aos diferentes mecanismos autoritários que, muitas vezes, justificam ações, condutas e escolhas (CHARTIER, 2002, p.173). Áreas como Psicologia, Sociologia, Literatura e Antropologia vão ser inseridas como capazes de clarear e auxiliar a pesquisa histórica.

Fazendo uso das contribuições teóricas de René Wellek e Austin Warren (2003), o personagem do romance difere necessariamente da figura histórica por não possuir um passado, nem um futuro. É feito apenas do que escreveram sobre ele, portanto, é criado por meio de convenções artísticas até o romance que se propõe a ser o mais realista. E isso é perceptível porque quando analisamos obras de um mesmo período, geralmente somos capazes de identificar temas, eventos e construções que seguem um mesmo padrão, como o caso dos romances realistas. Para os autores, não devemos tratar a literatura nem como fruto totalmente do “trabalho”, para não reduzirmos a espontaneidade e liberdade que sua produção possui, tão somente como “divertimento”, simples criatividade, em nome de sermos justos com o cuidado, atenção e esforço necessários para que uma obra literária seja bem escrita (WARREN e WELLEK, 2003, p.113).

Deles, retiramos o conceito de importância e prazer contidos na verdade da obra literária. É uma crítica às definições positivistas que reduzem o conceito de verdade ao conhecimento que é metodicamente verificado. Se ampliarmos o conceito para as demais formas de conhecimento, concluímos que aceitar – inevitavelmente - a verdade da ciência, não implica necessariamente negar a verdade da arte, que se utiliza da representação. E isto não impõe um relativismo extremo às obras, pois para ser considerada como tal, foi exposta à crítica, às convenções e à tradição literária de um dado momento.

No mesmo sentido, em relação à biografia, não devemos entender a relação entre a obra e a vida privada do autor como uma relação puramente simples e recíproca, dado que o escritor não precisa viver uma eterna tragédia para escrever histórias trágicas, ou uma

exacerbada felicidade para escrever finais felizes. Esta relação é complexa. Porém, analisar a vida juntamente com as obras produzidas em um contexto pode servir para identificarmos o quanto a escrita do autor pode ter amadurecido, crescido ou “declinado” com o tempo e com as experiências que ocorreram em sua vida.

Sobre os limites entre História e Literatura, dentre os autores consultados, pensamos ser o mais adequado nos utilizarmos das contribuições do historiador Roger Chartier (2002, p.255). Para ele, as duas áreas não se confundem, uma vez que a História se utiliza de técnicas específicas do seu campo para a verificabilidade e controle de determinado fato, conseguindo distinguir o falso do verdadeiro. São elas a análise e o recorte de fontes, a escolha das técnicas e os procedimentos de verificação, a construção da hipótese e da argumentação necessária para defendê-la, bem como a justificação do tema escolhido, que geralmente serve à alguma pergunta formulada no presente.

Isto não implica dizer que o historiador é capaz de constatar a verdade absoluta, já que não podemos negar o caráter retórico e narrativo desse campo de saber, visto que sua produção é feita através de um indivíduo. Essa produção, que depende do indivíduo e do lugar de fala que ocupa na sociedade, sua classe e a função que desempenha, depende também das instituições sociais que tornaram possíveis a produção, edição, publicação e circulação do objeto de pesquisa. Quem está ou esteve apto a dizer o que é história, e quem deve ou não ser considerado historiador importa na análise e discussão sobre o tema. Então, devemos estar atentos tanto às potencialidades, quanto às limitações que a história é capaz de conter.

Mas qual seria então a utilidade da história? Sua importância consiste em contribuir, por vezes, para a desconstrução de exageros, deturpações ou equívocos que são construídos, institucionalizados e perpetuados pelos detentores do poder através das memórias coletivas dentro das sociedades. A ficção, representada na literatura, não deseja ser considerada ciência, fonte inestimável de uma verdade absoluta. Ela se contenta em sugerir, em apresentar o que foi ou o que poderia ter sido, ou ambos. Pode informar sobre o real, como a história, mas, diferente desta, que precisa seguir métodos específicos de verificabilidade dos fatos, a literatura não se limita a ele.

A produção literária tem seus próprios procedimentos de criação e estética. No entanto, quando falamos de pesquisa histórica, nos referimos às potencialidades que uma obra

literária tem de servir como fonte aos historiadores. Justamente por não ser obrigada a produzir ciência, é capaz de revelar aspectos importantes de dada época, ou determinada sociedade. Ou, simplesmente, incitar a reflexão sobre algo ou alguém. Como afirma Chartier, é necessário problematizar a receptividade do leitor e estar atento também às convenções e as práticas de leitura de cada sociedade, uma vez que o significado que elas produzem depende da capacidade do seu público (Ibidem, p.77).

Seus significados mantêm relação com o modo que foi produzido, publicado e como repercutiu. Mas também foge a eles, uma vez que o romance criara um novo tipo de leitor: o solitário. E enquanto tal, detém certa autonomia sobre a obra (BENJAMIN, 1985, p.11). Autonomia esta que é limitada, pois a recepção do leitor se encerra quando constatamos que as convenções sociais influenciam a recepção da obra de maneira complexa.

É através do conceito de representação, que entendemos a vinculação entre as relações e posições sociais dos grupos e dos indivíduos com a maneira que eles próprios se percebem e percebem os que estão ao redor. O sentido que os leitores dão ao texto e se apropriam deles é a chave para compreendermos a obra em sua totalidade (CHARTIER, 2002, p.75). Para que possamos perceber isto, dois fatores são primordiais para analisarmos uma obra: de um lado, reconhecer o papel da repercussão, a aceitabilidade e as críticas que o objeto suscitou, bem como compreender seu conteúdo; de outro, estar atento as condições sociais e técnicas que foram capazes de transformá-la em uma obra, ou seja, como e por quem foi publicada, se sua circulação foi possível ou não, e como o público se apropriou dela.

O texto tem regras que restringem e possibilitam a interpretação e o sentido de quem o lê. Essa interpretação é produto dos interesses, das convenções, das normas e das regras a quem o leitor pertence ou pertenceu em dado momento da sua vida. Devemos estar atentos a essas “variações”. Significados e interpretações que foram, muitas vezes, influenciados pelas críticas ou pela censura, atribuindo um valor novo à receptibilidade da obra analisada. E quando finalmente ela foi publicada, materializada, devemos percebê-la não só como produto do autor, e sim dos hábitos de quem tornou possível que o livro fosse impresso. As relações de poder, o dinheiro que foi cedido para a construção da capa, a correção ortográfica e o gráfico do livro, se houve veículos que permitissem o conhecimento da publicação da obra etc. Todos esses fatores importam para compreender as possíveis apropriações que fazem de um texto, seja ele literário ou não.

No caso da obra aqui analisada, a reforma da Biblioteca Pública Epifânio Dória dificultou o acesso à pesquisa sobre a divulgação e repercussão do romance na época em que foi publicado. Por isso a escolha de focarmos a nossa análise sobre o conteúdo da obra, mesmo sabendo que a análise da capa seria igualmente relevante para o enriquecimento do trabalho.

Concluimos então que História e Literatura podem muito bem ser relacionadas, apesar de ensinarem objetivos diferentes e técnicas de criação específicas. Aprendemos que as representações se diferenciam de acordo com as divisões que existem na sociedade e são impostas por aqueles que detém o poder. Por outro lado, temos as apropriações, que apreendem o que lhe é imposto, mas, de diferentes maneiras, se impõem e produzem sentidos e significados diferentes que variam de acordo com a cultura, classe ou grupo que o indivíduo inserido.

O presente trabalho é sobre as representações e apropriações que o tempo presente nos permite compreender sobre o que já foi e sobre o que, felizmente ou não, ainda é. A realidade da literatura, se é que ela existe, é útil para nós desta forma, dado que nos ajuda a compreender, de outra maneira, o que já passou. Devemos estar atentos a analisar as condições da produção, os discursos e a resistência do que foi feito, para que consigamos perceber as rupturas e continuidades do que não queremos que aconteça de novo.

Não partimos somente do autor, ou dos autores responsáveis pela produção da obra; também não partimos somente do contexto social. Procuramos fazer, na medida do possível, uma análise que contemple todos esses fatores necessários para que possamos entender o impacto do romance *A sétima vez* em nossa sociedade, pois eles dialogam entre si. Uma análise que partisse apenas da relação da vida do autor com a obra produzida poderia se mostrar reducionista, pois muitas vezes só dispomos de biografias construídas de outros sobre os outros, e mesmo que o próprio autor produzisse sua biografia, ela não seria inteiramente confiável. A relação entre história e literatura não é hierárquica nem unilateral. A literatura pode ser considerada uma fonte histórica, mas realcemos aqui sua capacidade de enriquecer as reflexões complexas que os historiadores procuram entender.

II- ALINA PAIM: VIDA E OBRA.

Conheçamos então, inicialmente, a vida da autora. Alina Andrade Leite foi uma escritora sergipana que viveu entre os anos de 1919 e 2011. Devido a insuficiência cardíaca, faleceu aos 91 anos de idade, em Campo Grande - Mato Grosso -, onde residia com sua filha mais nova, Teresa Paim. Seu talento como escritora foi reconhecido por autores como Jorge Amado e Graciliano Ramos, e criticado por outros, como Fábio Lucas (1970, p.91), que acreditou ser a narrativa da escritora romântica, idealizada e monótona, claramente uma visão reducionista sobre suas obras, como poderemos constatar ao final do trabalho.

Apesar de ter começado a escrever apenas com 23 anos, uma idade tida como tardia dentre os escritores, ainda assim soube conquistar o seu espaço na literatura do século XX, muito provavelmente devido às temáticas que decidiu abordar em suas produções. É perceptível que existe uma constante em suas obras: questionar as desigualdades sociais a que são submetidas as minorias socialmente construídas. É a empatia que a escritora parece ter com as injustiças que a cercam que faz com que sua produção inicial tenha sucesso. Paim viveu um contexto social conturbado. Presenciou duas guerras mundiais, genocídios, duas ditaduras nacionais e toda a insegurança que o governos autoritários trazem em sua essência. Toda a instabilidade que viveu no século XXI com certeza colaborou para a riqueza de conteúdo com cunho social de suas produções.

Portanto, a escritora se utilizou da literatura como um ato político e revolucionário. E ainda que seus primeiros romances sejam mais diretos nas críticas, uma análise mais atenta da sua produção, inclusive infantil, demonstra que a autora nunca deixou, de fato, de refletir sobre os problemas sociais que parecem estar presentes em nossa sociedade ainda hoje. Filha de Maria Portela de Andrade Leite e Manuel Vieira Leite, Alina nasceu em Estância, município sergipano, mas logo foi levada para residir em Salvador. Após a morte da sua mãe, acometida por tuberculose, retorna à Simão Dias, em Sergipe, onde passará boa parte da infância sob os cuidados dos avós maternos, Adelaide Andrade Portela e Bernardinho Cruz de Andrade, e sob rígida educação de suas tias (GILFRANCISCO, 2007, p.14).

Foi em Simão Dias que sua educação foi primordial para que enveredasse pelo caminho das letras. Alina fez estudos primários na Escola Menino Jesus e, aos sete anos de idade, frequentou a Escola Fausto Cardoso. Sendo seu pai um caixeiro-viajante, muda-se para

Salvador após a morte de sua tia Laura, e, para continuar seus estudos, é admitida no exame do Convento Nossa Senhora da Soledade, situado na Estrada da Liberdade – palco do seu primeiro livro. É nesta escola que a escritora permanecerá como aluna pelos próximos oito anos e, ao se formar como professora pelo Convento, continuará nele como docente por mais quatro anos. O contato com as freiras dessa instituição fez muito bem a carreira literária de Paim, dado que, desde os doze anos, teve a oportunidade de escrever no jornal interno de sua escola, denominado de *Espadachin*.

Em 1943, se casou com apenas 24 anos de idade com o médico Isaias Ferreira Paim, adquirindo o nome de Alina Leite Paim e com quem permaneceu casada, por cinquenta anos, até divorciar-se. Teve duas filhas: Maria Luiza e Maria Tereza – sendo a primeira filha adotiva do casal. Depois de casar, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde publicou seu primeiro romance: *Estrada da Liberdade*, 1944, esgotada logo depois de quatro meses. Nesse período, como seu diploma não alcançava o Rio de Janeiro, trabalhou inicialmente como professora de filhos de pescadores, na Ilha de Marambaia. Entretanto, convidada por Fernando Tude de Souza, diretor da Rádio do Ministério da Educação e Cultura, começou a escrever também para crianças e adolescentes, entre 1945 a 1956, no programa infantil *No Reino da Alegria*, dirigido por Geni Marcodes.

Em 1945, Paim se filiou ao Partido Comunista e participou do 1º Congresso da Associação Brasileira de Escritores (ABDE) em São Paulo, tendo sido eleita como segunda secretária da associação e atuando ao lado de Manuel Bandeira, Graciliano Ramos e Astrojildo Pereira - redatores da declaração de princípios que incitava o povo a lutar por direitos basilares de um sistema plenamente democrático, tais como liberdade de expressão e sufrágio universal. Aqui, já começamos a identificar o contexto de militância comunista em que a escritora vai se inserir, contexto favorecido pela luta internacional antifascista no pós-guerra e pelo fim da ditadura varguista, que viabilizou uma breve legalidade ao partido comunista no Brasil e, conseqüentemente, ascensão dos seus ideais. Seguindo a corrente de “bons tempos”, em 1947, Paim participa do 2º Congresso Brasileiro de Escritores, em Belo Horizonte. Mas, em maio deste mesmo ano, o PCB vai ter seu registro cassado pelo TCE e cairá na clandestinidade.

Neste período, passa então a escrever para *O momento feminino*, revista que tematizava a educação e orientação das mulheres brasileiras de diferentes condições sociais.

Nela, publica o conto *Inauguração da luz elétrica*, que antecipará o romance Simão Dias, que seria lançado somente em 1949. Vale ressaltar que Alina Paim também se dedicou à tradução de alguns trabalhos, como o de Jorge Dimitrof: “*A luta pela unidade da classe operária contra o fascismo, em 1946*” e “*Um passo adiante, Dois passos atrás*”, além de colaborar para periódicos *O Momento* (BA), *Época* (SE) e *Leitura* (RJ) (GILFRANCISCO, 2007, p.19).

Na década de 1950, Paim, que havia participado de uma reunião do Partido Comunista no Rio de Janeiro ao lado de Werneck de Castro, James Amado, Carrera Guerra, entre outros, parte para entrevistar as protagonistas da greve que acontecera em Cruzeiro, 1950, comprometida a servir os ideais do Partido Comunista, que exigiam a produção de uma arte engajada. Foi neste período que a escritora recebeu um mandado de prisão preventiva pelo juiz de Cruzeiro, que alegou que sua pesquisa sobre a greve a caracterizava como perigosa para a estabilidade do governo, postura que revela que era muito mais fácil perseguir quem reivindica ou simplesmente se posicionava a favor de melhores condições trabalhistas do que tentar procurar resolver a situação precária dos operários.

Sobre esse episódio, Fabiana Lisboa conta-nos com mais detalhes sobre o ocorrido através de periódicos do jornal *O Momento*, que demonstram que os intelectuais e operários da época, representados pela ABDE (associação brasileira de escritores) saíram em defesa da escritora:

E se os escritores e artistas não souberem criar em defesa dela um poderoso movimento de solidariedade e protesto, a ordem do juiz de Cruzeiro será um gravíssimo precedente de obscurantismo fascista contra a revolução da literatura brasileira (LISBOA, 2017, p. 24).

Esse fato representa bem o clima de perseguição aos escritores comunistas – situação comum durante as décadas de 1940 e 1950 - e demonstra como a arte de escrever foi

tida como perigosa para o governo, tema que vai ser trabalhado nos escritos de Paim. O desfecho do episódio foi que, devido à pressão social, o mandado de prisão foi revogado.

Tendo publicado ao todo quatro obras de literatura infantil e dez romances, os últimos denunciam mais explicitamente vários problemas da sociedade brasileira da época, quiçá mantidos nos dias atuais. Consequências do capitalismo, a chegada da “modernidade”, a exploração da força de trabalho do homem, o papel da educação como forma de ascensão do ser humano, a supremacia dos fortes sobre os fracos, a velhice etc. Todos temas que giram, direta ou indiretamente, em torno de suas obras.

Em seu primeiro romance, *Estrada da Liberdade* (1944), publicado pela editora Leitura, Paim desmistifica a educação religiosa e choca o público ao colocar a vida e as contradições das freiras. O título do livro faz menção ao bairro da capital baiana em que lecionou, por onde passaram os combatentes que lutaram pela independência da Bahia. Desde o início da carreira, Alina demonstra que não conseguiu desvincular a vida pessoal da sua produção intelectual.

Já em *Simão Dias* (1949), a autora aborda sua infância no município sergipano, caracterizada por momentos de alegrias, mas também de sofrimentos, devido a morte da mãe. Publicado pela Livraria Editora Casa do Estudante, ao seguir os conselhos do amigo Graciliano Ramos, produz um romance de caráter autobiográfico e decide manter os nomes de amigos e familiares na narrativa. Tendência que a acompanhará em boa parte de produção.

A Sombra do Patriarca (1950), publicado pela Livraria Globo, marca o caráter de revolta da narrativa de Paim. Ela aborda o nordeste brasileiro a partir da figura soberana do senhor de engenho, Tio Ramiro, que será questionada por uma figura feminina, Raquel, sua sobrinha. A autora se utiliza do social, do psíquico e da história para levar o leitor a entender e refletir sobre como funcionava a vida rural nordestina, a família patriarcal e, a partir disso, faz transparecer o lado apático do ser humano que oprime, e o lado inerte e silencioso do oprimido.

A Hora Próxima (1955), seu romance mais conhecido, foi traduzido para o russo e para o chinês. Sem dúvida, foi a obra com mais sentido político, pelo menos de maneira explícita. Publicado pela Editora Vitória, com sucesso de tiragem, é também a obra mais

discutida na academia. Paim, neste romance, a serviço do Partido Comunista e do realismo socialista, produz um romance panfletário, isto é, uma literatura pedagógica que tinha como objetivo ensinar as massas a se organizarem em prol da revolução. A obra traz o protagonismo feminino em sua totalidade quando demonstra a organização das mulheres à frente da greve de uma ferrovia que corta os estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, reivindicando melhores condições trabalhistas para seus maridos.

O Sol do Meio-Dia (1961), julgado por figuras como João Felício dos Santos (1911-1989), escritor brasileiro, e traduzido para o alemão e para o búlgaro, foi publicado pela editora Associação Brasileira do Livro e vencedor do prêmio Manoel Antônio de Almeida. Tal foi sua importância que a mesma associação realizou um concurso, entre pintores e desenhistas, para produzirem a capa do livro como prêmio. O romance tem como protagonista Ester, que vai de Paripiranga para o Rio de Janeiro esente de perto as dificuldades da população que vive nas pensões coletivas da região. Assim como Clarice Lispector e Monteiro Lobato, seguindo a tendência e oportunidades da época, Paim também lança trabalhos infantis: *O lenço encantado* (1962), *A casa da coruja verde* (1962), *Luzbela vestida de cigana* (1963) e *Flocos de algodão* (1966), todos pela Editora Conquista, no Rio de Janeiro, e ilustrados por Percy Deane.

O Sino e a Rosa (1965), *A Chave do Mundo* (1965) e *O Círculo* (1965), fazem parte da Trilogia Catarina – vencedora do prêmio Especial Walmap, IV Centenário do Rio de Janeiro, e foram lançados pela Editora Lidador, na coleção Imago. Essas três obras se interligam e revelam o talento de criação de Alina Paim. Elas denotam um perfil mais intimista da escritora, que faz a protagonista Catarina buscar o entendimento de si mesma para então compreender a vida. Ana Leal Cardoso (2010, p.130) conclui que essa nova perspectiva é resultado de amadurecimento literário, ainda comprometido com as causas humanitárias, mas que não denuncia de forma crua e explícita os problemas da sociedade, como fez nos romances anteriores. São críticas sutis.

Com a ilegalidade do Partido Comunista durante a ditadura militar, Alina não encontrou suporte e apoio para divulgação de suas obras. Portanto, não conseguiu mais todo o sucesso editorial que havia tido nas suas primeiras produções. O esquecimento é tão grande que quase não temos informações sobre as próximas publicações, quais sejam *Flores de Algodão* (1966), patrocinada pelo Serviço de Informação Agrícola do Ministério de

Agricultura; *A Correnteza* (1979), publicada pela editora Record e que pode nos dar um perfil de como era a vida no Rio de Janeiro através do perfil psicológico da protagonista Isabel, trabalhadora que luta em busca de ter sua própria casa; e seu último romance *A Sétima Vez*, publicado apenas em 1994 pela Fundação do Governo do Estado de Sergipe.

Consciente e politizada, podemos concluir que Alina não soube distanciar a arte da vida real. Esta afirmação parece ser unânime nos trabalhos acadêmicos. Em 2014, a Secretaria Municipal de Cultura de Estância – SE, fez uma homenagem à escritora e discutiu a necessidade de pesquisar e salvaguardar suas obras em prol da memória da literatura regional. Nas terras sergipanas, o silêncio sobre esta escritora tende a ser menor dentro da Universidade Federal de Sergipe, devido à produção de pesquisas e trabalhos sobre ela. As dissertações de mestrado, na UFS, são protagonizadas pela orientação dos docentes Ana Maria Leal Leite e por Antônio Fernando de Araújo Sá. Todavia, o jornalista e professor universitário Gilberto Francisco dos Santos, a quem sou grata pela disponibilidade de tempo e informações que me cedera, também é responsável pela produção de novos conteúdos sobre Paim, bem como pela terceira reedição do romance *Simão Dias*, em 2015. Toda essa produção tem contribuído para que a memória da escritora não seja esquecida.

Atualmente já existem diversos trabalhos sobre a autora e a análise mais detalhada da dissertação de mestrado escrita por Ninalcira de Lemos Sampaio possibilitou a identificação de outros temas que podem ser trabalhados no último romance de Alina Paim. *O arco da memória: literatura e história em A sétima vez* (2012) merece atenção especial para este trabalho, por ser o único que se debruçou sobre o romance *A sétima vez* (1994) até o momento. A pesquisadora produziu uma dissertação que situa o romance no contexto histórico da ditadura militar brasileira (1964-1985), ao lado de obras como *O que é isso companheiro?* (1979), de Fernando Gabeira e *Em câmara lenta* (1977), de Renato Tapajós. Passado o autoritarismo e repressão da ditadura, muito foi produzido no campo do cinema, da música, das artes plásticas e, finalmente, na literatura, para resguardar as memórias dos que foram impactados de alguma forma por ela.

A ditadura militar brasileira foi uma época cara às liberdades individuais dos seres humanos. Devido à anistia e a inacessibilidade de arquivos do período, muito do que aconteceu ficou guardado na memória apenas dos que presenciaram, de fato, o momento de repressão. Como alertar as próximas gerações sobre este atentado à democracia do país e às

liberdades individuais do brasileiro? As narrativas ficcionais foram boas aliadas para manter viva a memória do período.

Quanto à temática das obras produzidas por Alina, Sampaio constata que, desta única vez, a romancista não atribui a mulher o protagonismo na narrativa, e sim a um velho, Teodoro, aposentado, que é obrigado a continuar trabalhando para sustentar o seu neto que, por um trágico acidente, ficou órfão (SAMPAIO, 2012, p.16). Todavia, é interessante ressaltarmos que na produção infantil da escritora, analisada por Aline Suelen, já encontramos um homem com lugar de destaque e essencial ao drama, como é o caso do Professor Francisco Rapôso, professor aposentado que tem o papel de transmitir conhecimento sobre história, astronomia e mitologia, em *A Casa da Coruja Verde*(1962) (SUELEN, 2012, p.98).

A pesquisadora conclui que a criação literária é uma ação política. A visão de mundo representada na obra é coletivamente construída, e nunca individual. Portanto, Teodoro é a voz de todos os sexagenários que viveram com medo de se manifestar contra o regime e representam um grupo social que quer alertar a próxima geração do que aconteceu durante a ditadura (SAMPAIO, 2012, p. 67).

No trabalho em específico, a forte preocupação da pesquisadora em demonstrar os debates teóricos que giram em torno dos conceitos de História, Memória e Literatura, acabou por deixar de lado alguns aspectos importantes que o protagonista do romance quer revelar, tais como: a esperança da união dos trabalhadores, as contradições que revelam que o ser humano é complexo, e o papel da igreja, da família e da educação como suporte do sistema capitalista. São estes os temas que refletiremos neste trabalho, evidentemente que reconhecendo o pioneirismo e a contribuição imprescindível da dissertação de Ninalcira de Lemos, que se ateu mais especificamente à questão do descaso com a velhice como sintoma do sistema capitalista.

O contexto de hoje permite uma análise que consegue identificar *A sétima vez* como um romance que diz muito sobre o que a sociedade brasileira ainda é e, principalmente, no que ela pode se transformar, mais uma vez.

No século XX, o amadurecimento de escritoras femininas é visível em diversos trabalhos e é neste contexto que Nelly Novaes Coelho organiza a produção e a “evolução” dos

temas abordados pelas escritoras femininas brasileiras durante o século. Até os anos 1930-1940, Coelho conclui que é o primeiro momento de conscientização. Representado por Dinah Silveira de Queirós, Carolina Nabuco e Lygia Fagundes Telles, seus temas giram em torno de personagens que sofrem com o modelo padrão patriarcal imposto a elas e por não terem o direito de decidir o que fazer da sua própria vida, tendo a busca pelo amor como centro da narrativa, ainda que não diretamente (COELHO, 1989, p.6).

No segundo momento de conscientização, que equivale aos anos 1940/1950, temos como representantes também Lygia Fagundes Telles e Clarice Lispector. O amor ainda é fonte geradora dos dramas da narrativa. Todavia, o outro lado da mulher começa a aparecer em seus conflitos existenciais, que é a capacidade de ser egoísta, possessiva, invejosa e injusta. Na verdade, a mulher é transformada em um ser humano, pois hoje já sabemos que estes sentimentos independem de gênero, ou de qualquer outra forma de segregação. Mesmo com essa mudança de perspectiva, seus conflitos ainda parecem ter sido gerados pela falta de amor (Ibidem, 1989, p.7).

Já no terceiro momento de conscientização, que vai dos anos 60 aos 80, é representado por Hilda Hilst, Julieta de Godot Ladeira, Maria Alice Barroso, entre outras. Neste, finalmente o amor é superado, o padrão patriarcal socialmente construído também e uma infinidade de temas toma conta das narrativas produzidas por estas escritoras. Do erotismo às questões históricas, tudo parece ser fonte inspiradora para o ato de criação literária feminina do período (Ibidem, 1989, p.8).

É neste contexto que se insere Alina Paim, justamente por abordar variados temas em suas produções. Apesar de seus romances privilegiarem personagens femininos através dos temas abordados na divisão de Nelly Coelho, as pesquisas vêm revelando que o seu conteúdo vai muito além de lutas femininas. Necessariamente em *A sétima vez*, o que parece ser o centro de sua narrativa são as contradições existenciais do ser humano e as injustiças sociais do sistema capitalista no contexto da ditadura militar brasileira. Tudo indica que a opressão não privilegia o sexo:

Quanto menor espaço ocupo mais preciso de oxigênio para não sufocar, ninguém sobrevive com pensamento e palavra enforcados. E o medo me esmaga, medo por dentro e por fora. Sou débil porque não caibo nesse tempo novo, sou forte e perigoso porque, de outras eras, guardo memória de liberdade: rejeição e escolha (PAIM, 1994, p.35).

Ainda que a obra fuja da tendência da autora de privilegiar protagonistas femininos, no geral, Paim tende a ver a figura masculina com certa distância. Por outro lado, foi possível perceber que a constante de suas obras é, na verdade, a empatia por minorias desprivilegiadas. No início do século, as mulheres que tentam ocupar um espaço no mercado de trabalho são o foco, pois representam justamente a vida e luta de Paim para conseguir ser professora e uma escritora conhecida. Já no final da sua vida, Isabel (protagonista de “A Correnteza”) e Teodoro (protagonista de “A sétima vez”) são personagens que se distanciam deste padrão.

Já não são tão jovens, já possuem muitas experiências e memórias para contar para o leitor e são personagens criados no final do século XX, uma geração que passou por muitas mudanças e que já está mais ou menos consciente dos resultados de viver numa sociedade capitalista. No caso específico de Teodoro, a tensão de não poder reagir e se expressar é identificada do começo ao fim da narrativa. A repressão do período se constitui através desse terror psicológico que tem como reação o medo, a inércia e o silêncio e que serão abordadas no próximo tópico.

SEGUNDA PARTE

III- VELHOS, ESPANTALHOS DO PROGRESSO.

A memória do velho é um bosque de árvores por ele plantadas no decorrer da vida, no instante em que lhe sucede uma futura vivência. Bosque heterogêneo de árvores madeira-de-lei, roseiras e espinheiros. Recordando a alegria, o velho passeia em seu bosque pelas trilhas floridas. Lembrando os agravos e a morte, envereda por caminhos cerrados de espinheiros e fere as mãos e as faces, porque ressuscita dores antigas (PAIM, 1994, p.81).

Partindo para análise do romance em si, o primeiro tema que escolhemos refletir é sobre um estado de natureza que acomete a todos nós, seres humanos: a velhice. Pois bem, o romance, ao recorrer à palavra para a construção de uma ficção, a utiliza para criar ambientes e situações que se confundem entre os conceitos de invenção e realidade. É necessariamente a introdução de um personagem humano que faz com que tantos leitores se identifiquem com as narrativas ficcionais, uma vez que o narrado aparece como uma possível realidade a ser alcançada, algo que já foi ou ainda é vivido. E é por isso que escolhemos analisar necessariamente nosso personagem principal: Teodoro.

E como já foi dito: a ficção não é capaz de reproduzir fielmente a complexidade do ser humano. Pelo contrário, os elementos linguísticos ajudam na composição do ambiente, das relações e até na caracterização do personagem, capaz de dar uma interpretação da realidade. Portanto, o personagem é o que nos interessa. Este, por sua vez, pode potencializar ou minimizar a realidade exterior ao texto. Ele sim consegue recuperar características significativas de determinado momento. Assim, a análise da construção linguística do texto e do personagem é que vai nortear o foco dos próximos parágrafos, uma vez que ajudarão a entendermos melhor o ambiente exterior à obra.

O romance *A sétima vez* tem toda sua narrativa voltada para o personagem Teodoro, um velho de 67 anos. A ficção em tela é um romance epistolar, qual seja um testemunho explicativo para a provável ausência do protagonista, que se utiliza de “cartas” ou mensagens endereçadas metaforicamente a quatro personagens que, aparentemente, não se encontram mais em vida: Professora Agripina, Padre Fidélio, Tio Albano e Bacharel do Cata-Vento. Esse testemunho, que tem como foco o passado do protagonista, tem dois fins: fazer um balanço sobre sua própria vida e tentar mudar o presente em nome das gerações que lhe sucedem, personificada pelo personagem Carlos, seu neto.

O protagonista viu no ato de escrever sobre sua experiência de vida e observações sobre a época, como uma forma de não ser esquecido. A história de sua vida é apenas um pretexto para esmiuçar as problemáticas do tempo em que vive. É necessariamente a análise do seu passado, da sua formação, das suas experiências e das suas memórias que vão fazer com que Teodoro ganhe forças para saber quem é e, a partir disso, seguindo suas intuições, não medir esforços para alcançar seus objetivos.

A partir de suas memórias, ele revive as alegrias proporcionadas pelo contato com a natureza, mas também “ressuscita dores antigas” (PAIM, 1994, p.81), pensa na morte que lhe espera e retira daí a força para lutar por um tempo que já vivido e capaz de formar sua identidade que, devido à supressão da liberdade de expressar proporcionada pela ditadura, parece estar em crise. O personagem passa a metade do romance tentando se identificar e se perde a todo instante da narrativa. Mas no final reconhece que sua busca é por autoconhecimento:

Criei o pretexto de explicar com a narrativa um desaparecimento tão comum no contexto da hora presente. Mais uma sonsidão. Esse relato não passa de exame de consciência, não em procura de veniais e mortais, mas de auto-compreensão. Destinatários de leitura! Alzira, minha filha e Carlos, primo Alberto provavelmente. Epístolas à professora, ao padre, ao tio, a você, Bacharel. Quarenta por cento a vocês, sessenta a mim mesmo. (PAIM, p.162, 1994).

Ele quer que nós, leitores, consigamos compreender o homem que vos fala, mas o tempo e o sistema que vive o tornaram incapaz disto. A metalinguagem é a figura de linguagem mais utilizada durante toda narrativa. Sua utilização, que faz a personagem se autocorriger e se criticar ao longo de toda a narrativa, reforça a sua crise de identidade. É uma tentativa de reconhecimento e que é duplicada pela sensação do medo. Narrar o seu passado, a sua história, em tempos como os que ele viveu, é um ato revolucionário. Por isso se perde, se corrige, não se reconhece: tem medo. Debrucemo-nos, então, sobre a questão da velhice.

É a partir dos estudos de Simone de Beauvoir (2018) sobre a velhice nas sociedades capitalistas que vamos entender o processo de envelhecimento como uma categoria social. A autora coloca o velho em posição diferenciada de grupos que foram

historicamente excluídos, uma vez que, mesmo que os negros e as mulheres sofram opressão por questões de cor e sexo, o problema do velho é necessariamente um problema de adultos ativos responsáveis por construir ideologicamente o papel que a sociedade vai conferir aos idosos.

Este papel é claro: enquanto ainda for útil, eficaz e produtivo ao sistema, seu lugar é garantido à coletividade; mas, se perde suas capacidades, é destituído da mesma. Diferente do negro, que, mesmo oprimido, ainda é utilizado como mão-de-obra; e diferente da mulher, que além de mão-de-obra serve como reprodutora, o velho é transformado em um fardo, reduzido a mero fardo. Dessa forma, quando olhamos para um velho, não o reconhecemos como ser humano (BEAUVOIR, 2018, p. 94).

Essa dura realidade é ainda maior quando pensamos nas divisões sociais, já que estamos falando da responsabilidade e poder das classes dominantes tem de decidir sobre o papel que os velhos têm em nossa sociedade. Muitas vezes o trabalhador pobre nem chega à velhice. Beauvoir defende, apoiada na biologia e etnologia, que a utilidade do velho consiste na experiência e na memória, que são suficientes para torná-lo útil em tarefas que exigem repetição. Todavia, a falta de vigor físico e a dificuldade de adaptação, que estes possuem, acaba sendo a justificativa para que as empresas só os queira em último caso (Ibidem, 2018, p. 329).

Isso se dá devido ao tratamento que é legado ao homem em nossa sociedade e, na história, apenas na China, por razões da cultura local exigir mais experiência do que força, é que o idoso foi, de fato, respeitado, ainda que outras formas de desigualdades fossem mantidas. As questões negativas que acompanham o processo de envelhecimento parecem ser tidas como um problema a ser evitado a todo custo, e isto não é um fenômeno atual. A ideia de que a velhice é um declínio da vida ou, simbolicamente, a morte do ser humano ativo é que impulsiona as tentativas de prolongar a vida e postergar a morte a todo custo. Mas de que adianta garantir o aumento da expectativa de vida, se não vai ser oferecido qualidade para os que conseguirem viver mais? A pergunta é: para quem estão sendo direcionados os métodos de prolongamento da vida humana?

Com o avanço da medicina e das políticas higienistas a partir do século XIX, o índice de mortalidade começou a diminuir e a classe dominante, não podendo mais ignorar a

quantidade considerável de velhos que começara a ocupar espaço, cuidou de desvalorizá-los a partir da indiferença. Mas que fique claro que é uma ação conjunta: as pessoas e a classe dominante agem em conjunto para que essa desvalorização aconteça. A prova disso é o tratamento cuidadoso com a criança, que se tornou um investimento – através da educação de “qualidade” – e que pode, futuramente, dividir as contas de casa ou trazer prestígio social. Investir na criança é garantir “retorno”. Qual seria o retorno de se investir no velho? E já que vivemos a era do lucro e do “investimento”, como defender um bom tratamento ao velho trabalhador, que é o caso de Teodoro, se já esgotou quase toda sua força física e/ou mental? Vejamos a passagem do romance que evidencia esse fato:

Só uma criança ou um velho elege árvore ou cão de ovinete. Solidão do que se afirma, solidão do que vai aos poucos desabando. Para a criança o adulto não abriu diálogo, ao velho a força da idade virou as costas, passos vigorosos dele se distanciam (PAIM, 1994, p.121).

O que parece ser a ser a essência dessa problemática para a autora, e que concordamos, é que a forma com que realizamos o nosso trabalho, e que, por vezes, levamos quase toda uma vida para nos especializar, não são adaptáveis ao destino biológico do homem. Ou até são, mas é economicamente mais vantajoso substituir a mão-de-obra por uma mais jovem ou, remanejar os que tem mais idade para cumprir funções que exigem “menos”, do que adaptar o trabalho às novas condições físicas do trabalhador. Em outros termos, rebaixá-los de posição e, com isso, ter como baratear a sua força de trabalho é a solução encontrada.

Essa é a lógica das democracias capitalistas, com exceção da Noruega, da Dinamarca e da Suécia, que apresentam um modelo mais inclusivo de lidar com a situação dos velhos. São países apontados como exemplos de possível solução para que velhos, ricos ou pobres, tenham respeito durante a aposentadoria. Nestes lugares, além do esforço excessivo no trabalho não ser exigido durante a vida, foi edificado a garantia de uma pensão fixada a determinada idade, bem como a adaptação do trabalho às possibilidades que as diferentes idades possuem (BOEAUVOIR, 2018, p.236).

Dessa forma, mesmo chegada a hora da aposentadoria, muitos acabam por escolher continuar trabalhando. Na maioria dos países capitalistas, porém, o interesse parte da

economia e não das pessoas e de suas necessidades. Por isso sonham tanto com a aposentadoria, mesmo que ela não represente o que sonharam: descanso merecido. E quando não, isto é, quando preferem continuar trabalhando, é mais pelo medo de serem condenados à miséria e de serem excluídos socialmente por não receberem o suficiente para ter uma vida minimamente satisfatória ou para sustentar sua família. No caso de Teodoro, sustentar o neto:

Como pode o desamparo – dependência desse neto – ser usado como freio da dignidade e da afirmação de um homem? Pode, perfeitamente. Pode quando um homem em marcha para os setenta anos se descobre fantasma sobre o chão de sua terra e no picadeiro do mercado de trabalho. Pode quando um velho tem de produzir dinheiro com o suor das rugas, para fazer de um menino o doutor-técnico que a civilização exige (PAIM, 1994, p. 36).

No início da nossa vida “ativa”, ou seja, quando jovens, para Beauvoir, as democracias capitalistas retiram de nós toda a nossa força física e intelectual, justificando toda essa venda que fazemos da nossa força de trabalho como algo que é necessário para o nosso próprio bem-estar. Eis o momento que dizem ser o encontro da nossa felicidade. Todavia, basta a natureza seguir seu rumo e apresentarmos os problemas inerentes à idade como falta de agilidade, visão que deixa a desejar, dificuldade de se adaptar a situações novas etc., que retiram de nós o direito ao trabalho, aquilo nos fizeram acreditar ser a razão das nossas vidas e o retorno dos investimentos feitos. No final, quando lhe retiram o trabalho, o trabalhador acaba por sofrer uma perda moral e material apenas de uma única vez.

Quando o trabalho foi escolhido livremente, e constitui uma realização de si mesmo, renunciar a ele equivale, efetivamente, a uma espécie de morte. Quando se caracterizou como uma obrigação, ficar dispensado dele significa uma libertação. Mas, na verdade, quase sempre há ambivalência no trabalho, que é ao mesmo tempo uma escravidão, uma fadiga, mas também uma fonte de interesse, um elemento de equilíbrio, um fator de integração à sociedade. Essa ambiguidade reflete-se na aposentadoria, que poder ser encarada como grandes férias ou como uma marginalização. (BOEAUVOIR, 2018, p.279)

A aposentadoria da classe operária é isso: basta ter que sustentar mais de um indivíduo para saber que o salário mínimo não vai ser suficiente para sobreviver. O currículo, as qualificações, especializações e experiências que acumulamos, como discutiremos com Tragtenberg, não serão suficientes para que um velho, já aposentado, mas que necessita continuar trabalhando, consiga um emprego que dedicou esforço de anos para conquistar. Isso faz com que aceite trabalhar por preços cada vez menores e siga a lógica de que é melhor ganhar pouco do que não ganhar nada.

Quanto maiores são as empresas, mais o ritmo do trabalho é rápido, mais essas empresas são racionalizadas, normalizadas, e mais impacientes ficam por eliminar as pessoas idosas... Consequentemente, bem antes da aposentadoria, muitas pessoas idosas ficam desempregadas. Em período de crise, quando o número total de desempregados aumenta, a taxa dos desempregados idosos só decresce; ela aumenta nas épocas de pleno emprego; os operários idosos são as vítimas do desemprego residual. E uma vez despedidos, não conseguem mais colocar-se novamente. (BEAUVOIR, 2018, p.242)

Podemos ver que a exclusão do velho não deve ser considerada natural, e sim resultado da opção social dos detentores de poder que exploram do trabalhador a vida, independentemente de ser velho. Quem exige o direito ao descanso depois de toda uma vida de prestação de serviço pesado não é porque é normal que, com a idade, o cansaço seja a regra, e sim porque já exauriu tudo que tinha disponível em seu corpo durante mais da metade da sua vida. Na lógica do capitalismo empresarial, é melhor intensificar o esforço, aumentar a produtividade e explorar o máximo que conseguir do trabalhador quando jovem, e depois substituí-lo e descartá-lo. O próprio homem, quando não se vê mais apto para trabalhar, pensa que está apto a morrer.

Como afirma Ecléa Bosi, na sociedade capitalista, a opressão do velho se dá através de mecanismos institucionais por vezes explícitos, como o asilo e a aposentadoria, mas também por mecanismos mais sutis e normalmente quase imperceptíveis, como a tutela, a tolerância infinita e a falta de diálogo, que geram, no final das contas, a exclusão total do idoso da vida social (BOSI, 1994, p.76). O poder de discutir, de tomar decisões

relevantes sobre sua própria vida lhe é negado tanto no ambiente privado, quanto no ambiente público, uma vez que sua força de trabalho não é mais necessária.

Acrescenta-se a isso a solidão a que são reclusos, alguns porque se encontram em asilos ou clínicas a esperar a morte chegar, esteja ela perto ou não de acontecer, a exemplo do personagem Genaro, amigo de Teodoro, enclausurado na clínica ironicamente chamada de “Clínica Geriátrica de Repouso Merecido”. Separados da família e dos amigos, forçados a tomar remédios que o tornem mais calmos, estes asilos, na maioria das vezes, se confundem com prisões, uma vez que nenhuma atividade é organizada para que os velhos que ali se encontram sejam ativos. Abandonados nestes lugares, a consequência lógica de quem não faz nada é a degeneração psicológica e física, que acaba de fato acarretando a morte. Ao velho é relegada abjeção e indignidade completa. Então a morte é acelerada devido ao isolamento e condições sociais que a sociedade lhe dá, e não necessariamente devido a sua idade. E é por isso que Genaro alerta seu amigo:

Amordaçaram a dor, Teodoro. Dor amordaçada é corrosiva. A dopagem vai matando o pensamento. Viu os outros pelo caminho?” Balancei a cabeça. “Naqueles a esclerose fez o serviço, numa lei da natureza. Em mim, vai ser a química. Chamei você enquanto ainda teço ideias (PAIM, 1994, p.79).

Essa fase da vida, que analisamos do ponto de vista do personagem Teodoro, funcionário público que não se intitula como classe média, traz lazer, descanso e paz, de um lado, e desqualificação e pobreza, de outro. É com isso que o ser humano tem que aprender a viver. Se pensarmos que o trabalho foi escolhido pela pessoa como de fato uma realização pessoal, quando é forçada a se retirar dele isso pode representar também uma morte simbólica. Todavia, se foi imposto, como na maioria dos casos o é, a aposentadoria representa uma libertação. Essa ambivalência que gira em torno da aposentadoria tem a ver com a classe social do trabalhador. O depoimento de Teodoro é isto: ele tentou se qualificar o quanto pode, mas foi aposentado mesmo assim, por ser velho. Tendo que sustentar Carlos, seu neto, não encontrou outra solução se não a de se jogar no mercado novamente, mas sentiu o peso da sua idade, e principalmente, a falta de união e alienação dos seus colegas de trabalho, ao se sujeitarem pacificamente ao que lhes é imposto.

Obsolescência do livre arbítrio. Sobre o livre arbítrio a Religião edificou inferno, purgatório e paraíso. Livre arbítrio, selo de Deus na alma do homem. Dom da escolha. Quem ainda o possui? O Progresso demarca os degraus do bem e do mal e em cada um desses terraços distribui os homens segundo o uso que de si oferecem. (PAIM, 1994, p.14)

Por fim, concluímos que é um erro acreditar que a exclusão do velho se dá pelo processo natural de envelhecimento. Sua exclusão como ser humano é devido ao regime trabalhista que é submetido e ao sistema social que faz parte. Enquanto isso não mudar, a aposentadoria justa é o mínimo que podemos reivindicar por eles, e por todos nós. Devemos estar atentos ao sistema que nos aceita quando somos úteis, e nos descarta quando conseguem, finalmente, esgotar todas as nossas forças em prol de uma maior produtividade.

Sobre a função social que este desempenha na sociedade, Teodoro parece querer nos ensinar a sabedoria da experiência, o poder de guardar o passado (ainda que com toda seletividade e esquecimento que giram em torno da memória) e a partir dele aconselhar e lembrar. Aliás, o romance é isso: uma luta para que não precisemos chegar ao final da vida e descobriremos todas as injustiças que são impostas a nós, seres humanos. Todavia, o sistema capitalista não consegue retirar deste fato, isto é, da lembrança, lucro. Desta maneira, ele acaba por bloqueá-la na medida que a renega. Ser velho é lutar para ser reconhecido como um homem capaz de lembrar e aconselhar.

Mas como a sociedade capitalista bloqueia a lembrança? Através da história oficial. As pessoas que viveram ou testemunharam um fato acabam por perpetuá-la em detrimento da sua própria história. Por isso que a lembrança de cada um de nós não é simplesmente o somatório de nossas ações. Muitas vezes pertence à classe à qual pertencemos, a cultura que fizemos parte, ao local em que residimos etc. A lembrança difundida pela história oficial se integra a nós sem que percebamos, deturpando o real sentido do acontecimento e da verdade.

Lembrar é um ato individual e social. Apesar de um grupo tentar impor a sua memória a outro, o homem, ao lembrá-las, só recorda e transmite de maneira individual. A

forma com que contam e o que contam é o que nos interessa, uma vez que o ser humano só guarda o que, de uma maneira ou de outra, significou para si ou para outros. Como nos mostra Bosi, a memória não é um somatório de recordações, e sim um emaranhado de lembranças sobre o tempo vivido por si e por outrem, pelo indivíduo e pela sociedade em que está inserido. E onde tudo significa: indecisão, precisão, silêncio e ambiguidades (BOSI, 2003, p.18).

A desvalorização do velho é produto de uma sociedade em que a competição e o lucro são a regra, e onde a exploração e a opressão da dignidade do ser humano são naturalizados desde o seu nascimento. Essa opressão não discrimina por geração, cor, sexo ou profissão. Walter Benjamin, em seu texto sobre a morte do narrador, observou o enfraquecimento do ato de narrar e o desprestígio da narração na modernidade, a morte do conselho e da experiência do outro. Um viajante, um camponês, um homem comum, todos eles detêm o poder da narrativa e podemos ver nisto uma dimensão utilitária, seja na forma de um conselho, ou de uma recomendação prática (BENJAMIN, 2012, p.123).

Todavia, aconselhar parece ter se tornado ultrapassado, devido ao fato de as experiências terem deixado de ser comunicáveis. A consolidação da burguesia trouxe uma nova forma de comunicação que exerce grande influência na sociedade de maneira ameaçadora até os dias atuais. É a informação e o imediatismo da verificação dos fatos. Todos os dias somos bombardeados de informações que não duram mais do que uma semana, pois carecem de fatos surpreendentes e não incitam maiores discussões. Tudo já vem de maneira explícita. Não obstante, o surpreendente da narrativa do romance é justamente deixar-se aberta e livre à interpretação do leitor.

Essa característica é que garante a ela amplitude e “conservação” inexistente na informação, que só é útil enquanto for nova e servir ao momento do ocorrido. E não que ela seja de fato verdadeira, mas, no mínimo, parecer e soar verdadeiro são suficientes para entreter o leitor durante alguns poucos dias, até que novas informações surjam e ocupem o lugar das que passaram. A figura do narrador é então importante porque não recorre apenas a sua experiência de vida, mas também a de outros. É aí que está a sabedoria e a utilidade de saber ouvir o que outro tem a dizer. A informação só tem valor no momento em que é nova, já a narrativa não se esgota. Ela se conserva por muito tempo e é capaz de instigar surpresas e

reflexões até muito tempo depois de sua produção. Não temos tempo para processar a quantidade de informações que nos é dada, e Teodoro é um sobrevivente disso:

Na celeuma internacional, dentro de focos de guerra e produção de armas, sequestro de aviões e crise de petróleo, terremotos, nevascas e fome, ligo a televisão e esguicham anúncios que, com as desgraças, me descem consciência baixo, tão de relâmpago, que as ideias já não se fincam no entendimento, são instantâneo inconsciente. (PAIM, 1994, p.35)

Teodoro afirma, ainda que em tom de brincadeira, que para conseguir folga e visitar seu amigo Genaro, bastava inventar um funeral, pois isso era evento comum para os que tinham sua idade e a folga seria facilmente concedida. Imaginemos então um senhor que vive além da expectativa de vida do comum. Consequentemente, boa parte de seus amigos já terão morrido, assim como seus gostos vão ser tidos como ultrapassados e, por consequência, negligenciados. Eis um resumo do que é ser aposentado no romance:

“Vem, aposentado”, - cantam de sereia os anúncios de domingo. “Vem, aposentado, completar com serviço leve a sua economia. “Meu amigo, sua oportunidade. Nenhum vínculo, homem livre.” E o dia-a-dia vai traduzindo essa acolhida: trabalhador autônomo, nu de direitos, montaria de deveres, alimária para qualquer carga, com parca ração de sono, o alvorecer em pleno escuro, dias e noites iluminados de mercúrio. Luz fria, obediência gelada, invisibilidade glacial.” (PAIM, 1994, p.36).

Teodoro não vive somente com medo da ditadura, vive com medo do que o ser humano se transformou. Ao visitar seu amigo Genaro, fica extremamente incomodado com a estrutura da “Clínica de Repouso Merecido”, e a capacidade da família de ter abandonado seu amigo ali. Os velhos são descritos como zumbis, evidentemente dopados por remédios, que caminham sem prestar atenção no pouco de natureza que restou: um crime à natureza, um crime ao ser humano.

E ele morre de medo de ser confundido e ficar preso por lá, pois nada o distingue dos outros. Ser velho é também uma condição física, facilmente identificada. Sua aparência te

entrega, é um alvo facilmente identificável. E Genaro, intitulado como um documento vivo, portador de memórias, o alerta sobre o outro lado do progresso que estão a testemunhar: ser bom para uns parece, agora, que não significa ser bom para todos. É a partir dessa visita que o protagonista abrirá seus olhos para o outro lado dos avanços tecnológicos da ciência:

(Que você viu, Teodoro? Vi a face oculta do mundo. Era um código para lhe contar que enxergara a insensatez da Ciência e da Técnica, que desviaram a natureza e a vida, levianos, irresponsáveis, sem preparar as condições que acolham com humanidade as consequências de seus feitos e descobertas. Perversas, as últimas décadas do mundo) (PAIM, 1994, p. 38).

Pois bem, mais uma vez entre parênteses, a reflexão do nosso personagem é narrada entre portas fechadas, para garantir sua cautela. A antiga dicotomia entre avanços tecnológicos e degradação do homem. Teodoro, homem do século XX, testemunho vivo de duas guerras mundiais, do eugenismo, da bomba atômica, de genocídios, campos de concentração, ditaduras, e, em contrapartida, de pesquisas médicas responsáveis pela diminuição da taxa de mortalidade e aumento da expectativa de vida, aparentemente comprometidas em garantir mais tempo ao homem na terra (ou seria mais tempo da força de trabalho do homem na terra?). Os avanços parecem ter chegado apenas aos que tem recursos. Dinheiro garante tratamento médico adequado e de qualidade, propriedades garantem respeito e acolhimento da família. Ao velho pobre: sua força de trabalho.

Todo o silêncio sobre os velhos é consequência de uma sociedade que não admite defeitos. E como os velhos são alvo de imunidade baixa e fraqueza física, aí está a razão de sua exclusão. Em uma sociedade que a produtividade e o trabalho são o fim, experiência nada vale. Velhice é destino biológico com o azar de não ter ninguém na sociedade industrial que a defenda, ironicamente, já que faz parte da natureza humana. A sociedade não prepara uma vida digna para o velho, mas, diga-se de passagem, não prepara uma vida digna a ninguém. Isso é sintoma, necessariamente, da sociedade capitalista:

Quando as mudanças históricas se aceleram e a sociedade extrai sua energia da divisão de classes, criando uma série de rupturas nas relações entre os homens e na relação dos homens com a natureza, todo sentimento de continuidade é arrancado de nosso trabalho. Destruirão amanhã o que construímos hoje. (BOSI, 1994, p. 77).

Por fim, a memória de um velho e sua rica experiência significa para o mesmo orgulho de ter suportado tanto, ter chegado tão longe, ter compreendido muita coisa e isso tem um fim se encontrar pela estrada da vida alguém disponível e capaz de fazer ecoar suas lembranças. Mas a ciência e a técnica fizeram da informação também uma mercadoria. As pessoas são bombardeadas com informações sobre diferentes fatos e não tem tempo de processá-los. Cientes do turbilhão de acontecimentos, se sentem capazes de opinar sobre cada um deles, transformando tudo em uma questão de opinião, retirando a possibilidade de discutir ou criticar. É uma nova forma de autoritarismo. É essa angústia que Teodoro sofre, potencializada, claro, pelo regime autoritário em que vive. Mas isso parece mudar, já que o romance se trata de uma transformação em sua vida: a sétima vez é a hora de narrar ou de pegar em armas, fica a critério do leitor.

Em Alina Paim, toda essa reflexão é transmitida por um velho, ironicamente denominado como o espantalho do progresso. E ainda que a autora não construa o protagonista de forma linear, a obra se faz importante e atual para o que vivemos ainda hoje, uma vez conseguimos identificar como o autoritarismo da ditadura militar se manifestou e o que ele causou a Teodoro. Todavia, percebemos que, sobre o próprio Teodoro conseguir se tornar funcionário público através de contatos, que incide também como uma forma autoritária de lidar com a esfera pública, quando ela se torna uma extensão dos interesses privados de quem detém o poder. Sobre isto nossa personagem nada faz ou reflete.

E Teodoro parece ter consciência de tudo isso. Apesar de ser funcionário público e se intitular como classe média, sua vida não ostenta riqueza em nenhum momento da narrativa. Pelo contrário, admite que nunca deixou faltar comida em casa e isso lhes pareceu suficiente, até o trágico acidente do Luís Cláudio. Do ônibus, assiste duas crianças dormindo na rua serem acordadas a pauladas por policiais. Assim como os passageiros que observam calados, ele também permanece assim. Mas com Genaro, sente vontade de gritar ao mundo: “Prolongaram o tempo do homem sem lhe garantir lugar e meios dignos de viver” (PAIM, 1994, p.38), como um alerta aos que vão à Clínica de Repouso Merecido, mas nada o faz. E, por fim, admite que enquanto foi funcionário público federal, foi regido “pelos votos de exemplar obediência, relativa pobreza e integral castidade de ideias.” (PAIM, 1994, p.39).

Em nome do trabalho e do dinheiro, contentou-se em obedecer. Mesmo assim, parece tomar consciência que deve mudar, principalmente devido ao tempo conturbado que presenciou:

Leitores de jornais, seguíamos dentro e fora do país as peripécias de quedas de governos, guerras e levantes de povos. Anti-nazistas, contra colonialismos, torcedores fervorosos de qualquer independência, exultamos com vozes corajosas e protestos vigorosos, abertos. Apenas não demonstrávamos nada, migalha de nada. Dois sonsos ideológicos. Mas todo sonso perde a carapuça. O fogo de meus olhos inutilizou-me a máscara que julguei de indiferença. (PAIM, 1994, p.161).

IV- OLHOS PARA O CHÃO, BEIÇOS COSTURADOS.

História, memória, narração e revolução. Seguindo esta ordem é que o romance ganha o leitor, não por mera simpatia, mas sim por identificação. O contexto histórico no Brasil é o da ditadura militar (1964-1985), uma época cara às liberdades do ser humano e da democracia. Através da Professora Agripina, Teodoro aprendeu que pensar é o que o diferencia dos outros animais e das plantas, mas a sociedade industrial conseguiu transformá-lo em pedra, sem o privilégio que esta detém: a imortalidade.

A pedra não sente, não pensa ou reclama, ela simplesmente é colocada em qualquer lugar que a queiram, para o fim que assim queiram dela. Foi o que aconteceu com o homem na sociedade capitalista. Sem perceber, foi transformado pelo trabalho e também por ele destruído. Toda essa reflexão vai modificando nossa personagem em um ser vivo ativo e motivado a resistir através do pensamento, essa é a sua revolução.

Sou contra o suicídio, seria emprestar eternidade a tribulações, ditaduras e exploração. Todas as desgraças do homem e da humanidade. Os povos possuem um limite de sofrer. Quando se enfurecem, com vontade coletiva derrubam aquilo que se agigantou e lhes tolheu a dignidade e o deslocar-se livre sobre a terra, de olhos arregalados e fronte erguida (PAIM, 1994, p.57).

Porém, a única forma segura de pensar e falar o que sente, devido ao autoritarismo e a repressão, é escrever. E assim o faz, mas não permanece apenas no campo da escrita. O romance é justamente uma explicação para a transformação total do personagem: ele inicia com medo, “medo por dentro e por fora”, transmitido entre parênteses durante a narrativa, para garantir sua discricção. Mas a partir de suas memórias, ao analisar com olhos atentos sua formação e sua experiência, ganha força para ir além da escrita: deixa a inércia de lado e, ao que tudo indica, parte para a luta. Esta vai ser então a sétima vez que o fenômeno o acometerá: quando se tornará um líder e, através da palavra, organizará o povo à revolução. E é por isso que deixa tudo isso escrito à Alzira, sua esposa, e a Carlos, pois conhece os riscos de quem ousa falar em tempos sombrios.

Como o personagem se utiliza de suas memórias para se apresentar e, tendo consciência de que lembrar ou esquecer é um fato social, e não uma escolha, o que o torna ainda mais complexo, tentemos então apresentá-lo. Teodoro Soares Portela não é descrito como um homem exemplar, superior às hipocrisias e contradições que tornam o homem complexo. Apesar de se colocar como um crítico da sociedade, é visível que, fruto de uma época, se deixou levar pelas “oportunidades” e “tentações” que bateram em sua porta. Ao identificar-se, logo nos revela seu rancor sobre seu nome, que mais serviu para homenagear seu padrinho, Teodoro Emiliano de Almeida e Souza, por um favor concedido a seu pai, do que para de fato identificá-lo.

Cantos da boca cavilosos, no fundo dos olhos um silvo e, na voz imparcial por esforço, a questão: “Experiências sexuais fora do matrimônio? Esporádicas ou habituais?” (Que perguntas para um homem que se descreve para leitura da esposa, filha e neto! Pura emboscada. Sou especialista em meias-voltas. “Fui esposo fiel, se bebi água fora de casa, não matei sede duas vezes no mesmo pote. A repetição é que fere a fidelidade. (PAIM, 1994, p.62).

O protagonista é um sexagenário corajoso. Casado com Alzira, pai de Ana Maria e Luís Claudio, e avô de Carlos, que acaba, sutilmente, ganhando protagonismo no romance, quando tudo que seu avô escreve durante a narrativa é por ele e para ele. Advindo de família que vivia da produção da cana de açúcar, nosso personagem parece não levar jeito para seguir o mesmo caminho da família e acaba por seguir a política. Isso é o que o faz enveredar por empregos “modernos” e se formar como bacharel em Ciências e Letras, um estudioso do inglês, francês e do latim, o que o faz identificar-se como um intelectual. De maneira inspiradora, tudo indica que ele seguirá o caminho da criticidade.

Apesar de, aparentemente, ser contra o sistema patriarcal de sangue da sua família e ir contracorrente, nada mostra, através de suas memórias, que tentou se opor de fato ao sistema durante sua vida. Pelo contrário, Teodoro não é especial. O excerto mais adiante nos evidencia que ele soube aproveitar muito bem as oportunidades ao seu redor. Tornou-se funcionário público não por mérito, e sim por contatos. Admite ter traído sua mulher com a empregada da própria residência, como o próprio se intitula, enquanto cidadão de classe média que conseguiu se ascender da noite para o dia, através de um favor de seu padrinho. A verdade é que Teodoro só parece começar a se incomodar com os fatos ao seu redor quando lhe é conveniente, mas é sincero ao narrar sobre sua sorte:

Teodoro Emiliano de Almeida e Souza, de promotor da Comarca, trepou em galho mais alto. Jubilado, próximo de falecer, era um sogro de Ministro e seu jamelão – trêmulo e indecifrável – em folha timbrada era chave, gazua, pé-de-cabra, ferramenta que abre, força, arromba portas e cofres, vontades e futuros. Pela mercê de um bilhete desta santa criatura, em papel oficial furtado da pasta do genro, sorridente e lampeiro deitei-me aos vinte e quatro anos, um vadio Bacharel em Ciências e Letras, e acordei Funcionário Público de relativa categoria. (PAIM, 1994, p.16).

Para o tema, faz-se necessário nos atentarmos à cordialidade do caráter brasileiro, termo cunhado pelo historiador Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil* (1936). Holanda evidencia, em sua obra, dentre outras ideias, que para que o brasileiro se torne efetivamente um cidadão consciente dos seus direitos e deveres, e o país caminhe para uma real democratização, é preciso que saiba agir com racionalidade. Dar menos valor ao sangue e à família, e mais valor às competências (HOLANDA, 2014, p. 169). É preciso que exista distância entre a esfera pública e a privada para que estas não sejam confundidas e, conseqüentemente, desemboquem em políticas que se baseiam em troca de favores como o nepotismo, o clientelismo, o patrimonialismo etc.

Toda a situação dependerá das proximidades, dos argumentos, da ampliação da família e dos amigos para o âmbito estatal. Assim, temos como consequência, a predominância da família nas relações sociais, nos negócios e na política. É a sobreposição do coletivo pelo individual, ao contrário do que quer a democracia. Homem cordial é aquele que age com o coração em detrimento da razão, que não consegue se submeter às leis e à ética, o que gera como consequência situações semelhantes com a que Paim nos narra em seu romance, num contexto muito posterior ao que a obra foi lançada (Ibidem, 2014, p.176).

Há de se atentar às limitações de se defender que a “cordialidade” é uma característica intrínseca do brasileiro, já que o termo foi construído de acordo com a tendência intelectual da época (geração de 30, protagonizada por Caio Prado Jr, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda) e que hoje, através de diversos estudos, podemos identificar o caráter eurocentrista e etnocêntrico de alguns argumentos desta geração. Hoje já sabemos que é um equívoco acreditar que todas essas características do brasileiro são resultado da mistura entre portugueses, índios e negros. O que realmente nos interessa é a continuidade de certos vícios na política brasileira. Teodoro, crítico da ditadura de 64 e do sistema capitalista, que se

vangloria por ter conseguido se desvincular do ranço patriarcal e rural de sua família, de um dia para o outro, por ter contatos e conhecer pessoas influentes, se torna funcionário público, sem qualquer concurso.

Em relação à situação, Teodoro é inteligente em ficar calado. Inteligente pois, na sociedade em que vivemos, inteligência é sinônimo de esperteza, um eufemismo para trapaça. Pois bem, criticar a sociedade em que vive é marca registrada do protagonista. Em contrapartida, o próprio não consegue perceber que faz parte de toda essa corrupção e só começou a se questionar quando a tranquilidade tão sonhada de sua aposentadoria foi ameaçada devido ao falecimento do seu filho e o sentimento de obrigação (e amor), por seu neto Carlos, e o faz precisar adentrar mais uma vez no mercado de trabalho.

Ao se reconhecer como privilegiado, ele vai construindo o ambiente externo em que vive: as relações entre homem e natureza e entre homens e homens. E assim o contexto histórico vai sendo revelado na narrativa, a partir dos desejos de Teodoro. Sua vontade é de expor o que sente, mas algo o faz calar e obedecer, trabalhar e obedecer. Isso é angustiante, pois é necessariamente o embate de ideias contrárias que faz com que a sociedade evolua, que os problemas sejam resolvidos. A própria democracia se constitui nisso. O que esperar de um cidadão que não se manifesta? Silêncio não gera crescimento e obediência absoluta, só serve para garantir ao cidadão o caráter de enfeite descartável.

Se respirar forte ou falar, o sopro dos meus pulmões ou o sentido e as vibrações das palavras podem reduzir-me a estilhaços ou explodir o recinto onde estiver ou a rua que atravessar. Venho emudecendo aos poucos, desconfiado do que penso, cauteloso do chão em que meus pés se apoiam. Comporto-me como fantasma sem os benefícios de que os verdadeiros gozam, porque permaneço material e vulnerável. Medo por dentro e por fora (PAIM, 1994, p.7).

Mas como culpar Teodoro pelo seu silêncio? Toda a narrativa vai girar em torno do medo. E a inércia que o medo causa é agonizante, o atormenta e o emudece a ponto de se sentir invisível, um fantasma. Entretanto, diferente da condição existencial do mesmo, dotado do poder de ver, ouvir e, principalmente, falar o que quiser sem ser punido, a condição de Teodoro, enquanto ser humano, é de vulnerabilidade às mais diversas torturas, sejam elas físicas ou psicológicas. E é a tortura psicológica que o personagem vive: a perda total de sua

identidade, perceptível logo no início do romance, quando afirma que conseguiram descrevê-lo sem mesmo o terem visto.

Logo sou único, apesar de minha categoria na humanidade, a classe média, alastrar-se pelos continentes... Questão de dois anos, fui informado por um livro de que apelidam gente da minha espécie de “colarinho branco” e os temperos do procedimento dessas criaturas são as facetas invocadas na interrogação. Essa análise não me deixou despeitado ou ofendido. Confesso que admirei o QI e a pachorra do autor que, sem jamais me ter vislumbrado em carne e osso ou fotografia, pintou meu retrato de alma e corpo inteiros (PAIM, 1994, p.10).

Toda essa crise de identidade é sintoma do contexto apreensivo e autoritário em que vive. A escritora, ao revelar preocupação em manter o clima da ditadura, faz valer dos parênteses um importante recurso linguístico para a construção do ambiente do personagem:

Antes de trancar essa porta, vou estabelecer um código. Em nossa época, o homem precisa de esconderijos. Escrever é ato de cunho perigoso. Com o ódio e a violência imperando, amor e ternura são fraquezas imperdoáveis. Protestar é loucura. Vou instituir os parênteses como clandestinidade (PAIM, 1994, p.11).

Imersos agora na clandestinidade do período, é bem verdade que o mundo narrado no romance é um mundo de transição. A família de Teodoro representa o antigo, atrelado ainda às produções de cana-de-açúcar, já a vida do protagonista não. Como já é letrado, ainda que tenha conseguido se tornar funcionário público por práticas duvidosas, isso já representa uma mudança na sociedade. Amante da natureza, fruto dos ensinamentos da professora Agripina, fundamental para a formação questionadora do personagem, passa toda a narrativa lamentando a morte de Heloísa e Abelardo, casal de árvores sacrificados em nome da Imobiliária, que age em nome do crescimento dos condomínios e da urbanização.

Porém, é necessariamente através das escolhas profissionais modernas dos seus filhos, Ana Maria como assistente social e Luís Cláudio como economista, que o personagem demonstra as mudanças estruturais da sociedade em que vive. A era do progresso, da informação, da tecnologia, citada inúmeras vezes no romance, chegou. E é por isso que ele

começa a escrever sobre si, num emaranhado de memórias inconstantes. Como se reconhecer diante de tantas mudanças que não consegue explicar?

Em noite de lua, imaginei duas colinas de cota igual. No cume de cada, um sujeito de binóculo a mirar o contendor. Karl Marx e eu. Num impulso diabólico, berrei o desaforo por cima do vale: “A Automação está devorando teu exército”. Não retruca, pensei. Pelas ribanceiras, julgava que sua teoria capital escorresse inútil. Enganei-me. Binóculo pendente, o Grande Velho urrou por entre as barbas: “Some, colarinho branco, o Computador engole tuas funções.” Mudos ficamos, rodela de vidro encarando-se. Demo-nos as costas: eu para o norte, Marx para o sul. Íamos desabalados. No encaço dele, a Linha de Montagem. Avançando sobre mim, em acelerado, o satanás Computador. Num freio de imaginação (PAIM, 1994, p.13).

Alina faz uma crítica à tecnologia, representada pelo computador, que aparentemente veio para facilitar o trabalho dos homens, e de repente tomou o seu lugar. A aversão ao computador, tida como metáfora para automação do trabalho é facilmente identificada. A substituição do homem pela máquina e a redução da sua existência e da sua força de trabalho em objeto o transformam agora em mercadoria. E como tal, suas leis serão regidas pelo mercado, e não por valores que prezem pela dignidade humana. Além disso, somos levados a refletir sobre o discurso religioso e como ele pode ser um forte aliado para continuidade das desigualdades humanas, a partir do personagem Padre Fidélis e de suas lembranças sobre o seu Tio Albano:

Pobre Tio Albano. Depois da morte do gêmeo Martim, deu-lhe a mania de ser apóstolo de Cristo, coisas de solteirão. Internaram-no em cidade bem distante, em benefício dele próprio que juntara enorme fortuna e ia deixar a parentela sem herança. Onde se viu evangelho ao pé da letra, viver pobre por gosto, desperdiçando os haveres com estranhos e aderentes? E a voz do sangue? E a esperança de irmãos e de sobrinhos? Meu pai, um dos esperançosos como se viu antes, com a residência na rua Larga, o bom pedaço de terra, e a Loja de Ferragens Luzeiro do Sertão. Querer maior conhecimento sobre tio Albano sempre me redundou em cascudos e o xingamento de abelhudo (PAIM, 1994, p.18).

De pouco em pouco, sutilmente, Teodoro, através de suas memórias já corrompidas pelo tempo, vai dissecando sua sociedade e nos faz entender como as estruturas sociais do seu tempo funcionavam, suas rupturas e continuidades. As menções a Tio Albano caracterizam-no como uma pessoa boa, disposta a viver o Evangelho com devoção. Mas não se deve viver a palavra de Deus, a não ser que lhe convenha. E isso remonta à toda

teatralidade dos discursos dominantes. Ser justo não quer dizer que deva existir justiça para todos. Se há lucro em doar, não há motivos para não prosseguir. Como ninguém da família falava sobre Tio Albano, por ele ter dado preferência aos que não são de sangue e sim aos menos afortunados, é que a incoerência da religião é denunciada. O peso da hereditariedade na sociedade patriarcal dos Portela se faz visível. E tio Albano é internado e tido como louco por recusar viver assim.

Em *A Sétima Vez*, Teodoro luta duas batalhas: a interna, ao tentar se reconhecer em um mundo que muda mais rápido do que sua mente consegue acompanhar, e a externa, já consciente de si e do que passa ao seu redor, deseja se opor contra o autoritarismo do regime, responsável pelo seu silêncio e pela sua inércia. A interna é muito imprevisível, a descrição do personagem não é feita linearmente, o que torna a narrativa aberta e, por vezes confusa, passível de outras interpretações. A externa é mais direta, mais cruel e explícita. Ao sonhar com uma aposentadoria tranquila e justa, já que trabalhou o tempo necessário e contribuiu para o seu país, ele é obrigado a continuar no mercado como contratado, mas agora desprotegido dos seus direitos. É uma luta por autoconhecimento:

O que Teodoro deseja ser? Selvagem, no jeito primitivo de ser. (apenas como primitivo poderei estar sozinho na floresta ou no descampado, com meu par de olhos abertos para as árvores ou a vastidão. De selvagem, iria de novo pensar, andar leve e livre, amigo do vento, da luz e da chuva, companheiro de meus semelhantes. Selvagem, sem horário e pensante. Sem medo e pensante. (PAIM, 1994, p.26)

Ora, como esse final pode passar despercebido? Sem horário, sem medo e pensante. Esse é o desejo de Teodoro? O que o torna tão avesso ao horário? O que gera neste personagem cheio de devaneios tanto medo? Deixando de lado as insatisfações humanas, devemos refletir sobre o que gera nossas reclamações: simples desejo de ter o que não é possível ou necessidade de resistir? No caso de Teodoro, o mundo se vira contra ele sem prepará-lo psicologicamente para isso. Com tantas mudanças, ele perde sua identidade. A natureza foi desfigurada, seu filho foi morto em nome da pesquisa e, junto a isso, o cansaço de toda uma vida de trabalho carregada nas costas e que não tem o suporte do mundo como deveria ter. É a necessidade de resistir a todas as transformações narradas que move o protagonista, pois conheceu um mundo diferente e não vê futuro para as próximas gerações.

Além da perda de identidade, o medo causa paralisia social e inércia, duas características primordiais para sobreviver na ditadura. E esta só sobrevive enquanto o medo for a regra. Ele só decide lutar contra seu medo devido à covardia do sistema, da modernidade, do capitalismo, da ditadura, que o aposentou e cassou direitos políticos de cidadãos, por simplesmente irem contra o governo. Quando Teodoro é aposentado, a primeira pergunta que seu filho faz é sobre o que guardava em seu escritório, pois o país estaria vasculhando a vida de todos os homens. E tudo dá a entender que é por isso que o protagonista é retirado do seu trabalho, pois guardava em sua gaveta livros de Virginia Woolf e de Liev Tolstoi, autores que podem ser considerados revolucionários.

O senhor pode se tornar mais perigoso que o outro Teodoro, quando o que pensa deixar de fugir pelos olhos e saltar pela boca. Pense menos e, não fale. Fala pelos olhos. Ai de ti, se falar pela boca! Inaugura-se nova época, olhos para o chão, beijos costurados (PAIM, 1994, p.51).

É de se estranhar o medo que um velho pode causar à ordem, já que foram apresentados alguns fatos que demonstram a negação de sua utilidade em nossa sociedade. Já concluímos que refletir sobre a velhice é ser justo consigo mesmo, uma vez que esta alcança todo e qualquer ser humano, independente de cor, sexo, classe ou outros infundáveis termos de diferenciação que ainda possam surgir. Todo o autoritarismo narrado por Teodoro é fruto do clima de insegurança que é viver na ditadura:

Com o culto e o amor pelo pensamento, no íntimo era liberal. Sabia que sem liberdade as ideias murcham. Bastava-me gozar de expansão dentro das paredes de meu crânio. Proclamar oralmente o que me fervia no silêncio era imprudência, explodir a segurança e a garantia vitalícia de minha condição. Apenas Genaro, morigerado quanto eu, conhecia e compartilhava minhas preferências políticas. Dia de votação, uma festa. No sigilo da cabina, blindado pelo secreto, nosso voto era grito. Padecemos nas duas ditaduras que furtaram esse momento de pleno exercício de ser cidadão (PAIM, 1994, p. 161).

Todavia, o caráter autoritário do contexto social que vive é sintoma também do sistema em que ainda estamos inseridos: o capitalismo. Neste sistema, tudo parece ser reduzido a uma mercadoria. Vivemos o ápice do individualismo nas relações sociais e as mudanças estruturais da cidade são tão rápidas a ponto de nem percebermos o crescimento de condomínios fechados sendo construídos para que a privacidade e a segurança do homem sejam a lei. Muros cada vez mais altos e janelas gradeadas fazem parte da arquitetura urbana. De acordo com Milton Santos, a globalização trouxe a ideia de unificação, mas o mundo está cada vez mais fragmentado, uma vez que a tecnologia, por mais improvável que pareça, só tenha alcançado os grandes centros mundiais. As favelas não diminuíram e os bairros se segmentaram (SANTOS, 2011, p.41).

A mídia não se preocupa em instruir, e sim em convencer a todo custo, uma vez que a ética não faz mais parte da publicidade. As relações sociais são baseadas na competitividade e tudo parece ser permitido em nome da realização pessoal. Trapacear virou sinônimo de esperteza, as informações já chegam a nós repletas de ideologias e a tecnologia e a ciência são utilizadas a favor do mercado. Todavia, como vimos, “tudo” parece ter sido transformado em mercadoria e ter potencial para a mídia, mas algumas “minorias” ainda não.

É bem verdade que existem outros mediadores socialmente institucionalizados no mundo capitalista, como a igreja, a família, a escola e os partidos políticos, que tem o objetivo de orientar nossas atitudes e transmitir os valores e histórias de um determinado tempo. Mas elas permanecem bem mais no campo oficial dos fatos, digo, a memória dos velhos pode justamente confrontar a História oficial, não para criar outra dominante, mas para enriquecer o conhecimento sobre a vida.

Através das contribuições da doutrina bergsoniana e dos estudos de Maurice Halbwachs, nos mostra que a memória dos velhos é um importante meio de deslindar a vida cotidiana do ser humano. Com consciência de que a memória é seletiva e coletiva e que não está à parte das ideologias de um povo, uma vez que um acontecimento político afeta de maneira diferente os indivíduos por seguirem a ideologia dominante, a memória é coletiva. Todavia, mantém sua individualidade, ao ter em sua essência a cultura e a singularidade de cada ser humano. A memória é um guia da experiência do indivíduo, mas também do seu grupo. E Teodoro é um personagem detentor de tudo isso (BOSI, 2003, p.51).

A memória contada é uma fonte rica e capaz de clarear o tempo passado que, devido à correria proporcionada pelo nosso sistema, duplicou os acontecimentos sem nos preparar psicologicamente para acompanhá-los. De nós, foi roubado o domínio sobre o tempo. É preciso refletir sobre a importância que a sociedade dá, no romance, à memória:

Jamais, Teodoro, imaginei que médicos, com suas químicas, fossem usar tratores para arrasar o pensamento e a memória de um homem”. Alteando a voz, disse com veemência: “Teodoro, meu irmão, prefiro a morte à perda de meu bosque. (PAIM, p.80)

A autoanálise que Teodoro faz de si mesmo é para que possamos ter conhecimento dos fatos que o fizeram chegar no estado atual que ele é hoje, pois ele é consequência disso. As memórias podem apresentar como o indivíduo compreendeu a sua própria vida, o sentido que deu ou ainda dá a ela. E a quantidade de vezes que Teodoro se perde ao tentar se apresentar aos leitores o torna humano, pois os “lapsos e incertezas das testemunhas são o selo da autenticidade, narrativas seguras e unilineares sempre correm o perigo de deslizar para o estereótipo” (Ibidem, 2003, p.64).

Ou seja, devemos duvidar bem mais das certezas do que das incertezas. A dúvida é o que nos aproxima da verdade. Mas quando ele reconstrói seu passado, ele vê uma nova utilidade para a memória, que vai além de uma questão de construção de identidade a partir do tempo: a de resistir. A partir da memória, Teodoro é tomado pelo desejo de querer um futuro diferente do presente, baseado no que foi o seu passado.

Tanto remexi o passado e a infância que, certa madrugada, recordei uma frase de meu pai: ‘Rui Barbosa, a Águia de Haia, foi o maior tribuno do Brasil.’ A águia não me impressionou, mas a palavra tribuno se impôs. Sem que na ocasião meus pais vissem a ignorância do filho, corri ao Dicionário e soube que tribuno outra coisa não era que orador, sujeito trepado em palanque, falando e esbracejando. Na escuridão do quarto, Alzira em paz, decidi tornar-me o maior tribuno mental. Atirei-me ao propósito (PAIM, 1994, p.13).

Teodoro toma coragem de falar depois de rememorar suas lembranças. A partir delas é que percebe que o presente que está vivendo não é o futuro que deseja para seu neto. É uma crítica ao sistema capitalista, às transformações urbanas, ao mundo fragmentado, ao

descaso com a velhice e com o ser humano. Toda essa tomada de consciência era o que ele precisava para romper o silêncio e se aventurar pela sétima vez. É preciso resistir, lutar. A memória é nostálgica, restaura, e também conscientiza, desperta no seu interior sentimento de mudança. Esse é o desejo de Teodoro. Por ele, por Genaro, por todos os velhos e por nós, devemos lutar. Já existem associações pelas mulheres, pelas prostitutas, pelos negros, mas ainda existem outros que precisam de espaço e reconhecimento, como os deficientes, os surdos e, no caso do romance, os velhos.

No sistema capitalista, o trabalho dignifica o homem. Mas a questão é: o homem está sendo dignificado quando vende a força do seu trabalho? Parece redundante, mas não deixa de ser pertinente. Depois de trabalhar uma vida inteira e de já ter contribuído ao seu país, Teodoro é obrigado, mesmo aposentado, a continuar trabalhando para dar uma vida digna a Carlos. Teodoro representa todos os velhos que hoje, mesmo aposentados, “escolhem” trabalhar para completar as contas.

Todavia, já com 60 anos, apesar da “experiência” ser tida como pré-requisito para adquirir a maioria dos empregos, quando um velho quer continuar trabalhando, não porque quer, mas sim porque precisa, a sociedade já não o olha da mesma forma. Ironicamente, jovens também não são admitidos por não serem detentores da famosa “experiência”. É controverso como a sociedade se utiliza de um mesmo argumento para negar duas gerações diferentes o direito ao trabalho, e mesmo assim, lhe ensinam desde início da vida que precisam trabalhar para que sua vida tenha sentido.

Idade, na nossa sociedade, é sinônimo de desvalorização. Vivemos a era em que o homem se transformou em mercadoria. A racionalização eliminou os operários velhos do mercado de trabalho ao exigir produtividade em um curto espaço de tempo e jogou fora todo o conhecimento adquirido por este durante a sua vida. E há quem diga que a funcionalidade do trabalhador aumenta com a idade. A experiência que é exigida na juventude para aquisição de um emprego é a mesma que desvaloriza o velho trabalhador na busca do mesmo. Com que forças lutará por seus direitos, se desde o seu nascimento foi direcionado a isto? Vejamos à conclusão de Teodoro sobre esta questão:

Meu panfleto: descompostura ao viver de hoje, à desumanização das pessoas, à utilização descarada do homem, pena não existir montado, com sede e associados, um Movimento de Defesa da Dignidade da Velhice. Sei que funcionam a Defesa das Prostitutas e a Defesa do Homossexuais. Comecei a pensar em convocação de companheiros ainda fortes e com raciocínio perfeito, depois da visita a meu amigo Genaro, colega de anos e anos, agora internado na Clínica Geriátrica Repouso Merecido (PAIM, 1994, p.37).

Para elucidarmos sobre a questão do trabalho, Paul Lafargue (1883) nos trouxe reflexões que parecem ser úteis à nossa discussão. E apesar de não ser o foco das próximas linhas, é preciso registrar o caráter preconceituoso de algumas falas do autor, quando afirma que a produção agrícola da América foi mais facilmente tomada pela máquina devido à aversão dos americanos ao trabalho e a disciplina, constatando que este era um povo essencialmente preguiçoso e livre. Desta sua argumentação é que nos distanciamos(LAFARGUE, 1883, p.65).

Porém, para ele, o trabalho, no capitalismo, envolve dois significados. Este sistema, que enaltece o trabalho como forma de engrandecimento pessoal, em sua realidade é a causa de toda a nossa degeneração intelectual. Em suma, constata que reivindicar por melhores condições trabalhistas equivale a exigir mais miséria, corrupção e dor, pois é isto que o trabalho está nos legando. Poeticamente, ou não tanto assim, o trabalho conseguiu retirar do homem a sua alma. Sua liberdade, seu tempo, sua propriedade e sua vida giram em torno de um trabalho que molda o homem apenas para que possa retirar dele o máximo de sua força produtiva (Ibidem, p.29).

O ideal de ter que trabalhar para sobreviver acaba se tornando um ciclo vicioso, uma vez que retira do ser humano a saúde, a alegria e a liberdade em nome de uma riqueza individual e social que, no fim das contas, só escraviza ainda mais o homem. E para se manter dentro de um padrão social, o indivíduo é levado a trabalhar ainda mais. Já quando não tem trabalho, em tempos de crise e de desemprego generalizado, ao invés de lutar por outro estilo de vida, são “forçados” a vender sua força de trabalho por um preço menor e por mais tempo.

Ocupado com o trabalho, não percebe que detém o poder de, juntamente com seus colegas, conscientizar-se coletivamente e reivindicar por tempo livre. Ter de volta o domínio sobre o tempo é ter liberdade e direito ao descanso, ao lazer, às reflexões, ou a qualquer outra atividade que venha despertar seu interesse. A união da classe operária não deve ser pelo

direito ao trabalho, ou pelo direito do homem, pois estes direitos servem também à exploração capitalista. O autor acredita que o erro do ser humano foi querer competir com a máquina, que tendeu a substituir a força produtiva do homem a qualquer custo e fez com que o homem triplicasse o seu esforço e sua dedicação (Ibidem, 1880, p.39).

A consequência disso foi a alta qualificação do ser humano para a obtenção de empregos, narrada por Teodoro na ficção. Para o protagonista se manter na Firma, local em que trabalhava, foi preciso demonstrar habilidades que as máquinas não eram capazes de fazer. Finalmente, precisou rivalizar com a máquina e com os seus colegas para garantir o seu emprego, ou seja, temos no romance o quadro dos operários destinados a se qualificar e a competir entre si e com as máquinas para ter o direito ao trabalho. Parte da modernidade e da tecnologia trouxeram mais um competidor ao ser humano. Vejamos:

Aflito, em adaptação à recente atmosfera, desejei desentocar amigo experiente que me aconselhasse precauções no andar, altura da voz, retoques no proceder. Precisava colear diferente para ir sobrevivendo na prestação de serviços. Perigoso abrir-me com quem quer que fosse, com ouvido e palavra sonante. O socorro teria de brotar do silêncio. Ponderei e ponderei. Somente livraria era indicada de consulente. Danei-me a ler sobre Gerência e Administração. Conscientizei-me sobre o que de mim aguardavam e sobre aquilo que jamais devia acalentar como esperança (PAIM, 1994, p.124).

V- O VÍRUS É A PALAVRA: A JUVENTUDE TEM COM O QUE SONHAR?

Chegamos a um ponto de reflexão que não estamos falando somente do modo de produção e reprodução de um sistema e sim da vida em sua totalidade. Mas eles se relacionam, isto é, são recíprocos. É o que Marx nos faz entender, quando mostra que, por vezes, a economia determinou a política, e vice-versa. Para este autor, o trabalho, no capitalismo, assumiu a forma de trabalho alienado. Esse processo se dá com o não reconhecimento do ser que produz no objeto que produziu, pois ele não pertence mais ao seu criador.

Ricardo Antunes e Geraldo Augusto (2017, p.80) trazem reflexões importantes sobre o trabalho e a educação na sociedade capitalista. A educação libertadora de Teodoro, representada pela figura da professora Agripina, é que vai ser tomada como inspiração para que o protagonista queira se opor ao sistema:

Nasce uma criança de mulher, por acasalamento com homem, válida a antiga matriz. Logo se reinicia a fabricação diabólica, por processo de ininterrupta adição de esforços: maternal, jardim de infância, primário, ginásio, secundário, superior, pós-graduação. Sem esquecer os intervalos de lazer, com refinados meios de comunicação. Professora minha, ninguém mais fala à criança, em nenhuma etapa, sobre o pensamento com o sentido que lhe acendia luz. Pensamento, raciocínio: estorvo, anacronismo (PAIM, 1994, p.97).

Para estes dois sociólogos, Antunes e Augusto, um novo projeto de sociedade é formado no século XX. O plano que envolve esse projeto se articula tanto para a exploração da força de trabalho humano nas empresas, como para além delas, quando a classe trabalhadora a reproduz nos diferentes campos da sua vida social. Primeiro foi feita uma divisão entre o trabalho manual e intelectual, para que cada um se especializasse em sua área e assim fosse possível produzir mais rendimentos pelos próprios trabalhadores, posto que cada um saberia o seu forte e tentaria melhorar cada vez mais ao ter consciência de que era bom naquilo que fazia, processo muito parecido com o que acontece na Firma de Teodoro (ANTUNES e AUGUSTO, 2017, p.78).

- Nosso Pull de Datilografia não corresponde mais às exigências de uma empresa em expansão. Vamos introduzir um Sistema. Isso demanda preparação do ambiente. Faremos as obras indispensáveis... Não haverá cortes. Os senhores farão um curso de capacitação, gentilmente oferecido pela Firma Fornecedora. Vão passar por alguns testes que revelem suas novas possibilidades profissionais e de adaptação ao desempenho em equipe (PAIM, 1994, p.100).

Voltando ao que afirmam os sociólogos, foi se estabelecendo metas a serem cumpridas diariamente, e bonificações para os que conseguiram cumprir essas metas mais rapidamente, sem esquecer da eficiência. Ao acreditarem que o trabalho era o que engrandecia o homem tornando-o feliz, honesto e próspero, é sobre ele que devem debruçar a sua vida. A partir da repetição de movimentos de muitos homens, é que conseguimos produzir mais e em menos tempo, possibilitando a queda dos preços e o aumento do consumo e do salário – esse que fica a critério dos donos da empresa (ANTUNES e AUGUSTO, 2017, p.25-26).

Muito parecido com o que a Igreja pregou por muito tempo como ideal a ser seguido pelo operariado, mas ao invés do tempo livre ser dedicado à devoção religiosa, o trabalhador deve cuidar da sua saúde física e mental para que possa continuar trabalhando por mais tempo e com muita eficiência (Ibidem, 2017, p. 58). Ora, se não é o resultado disto que estamos vivendo hoje. Esse foi o preço que o ser humano teve que pagar devido às transformações que a industrialização sob o comando do capitalismo tomou.

A humanidade do homem que trabalha é colocada de lado e sua sanidade só deve ser suficiente para que consiga realizar as tarefas que lhe são exigidas, nada a menos ou além disso. Teodoro viveu em detrimento do trabalho e todo seu esforço não foi reconhecido pela Firma, em sua aposentadoria. Todo esse processo, apoiado pela igreja, personificada por Padre Fidélio, que ainda detém influência forte nas pessoas, e pela política, promoveu novos hábitos, normas e valores na nossa sociedade, criaram um ideal de família que é formada pelo casamento entre duas pessoas, que sustentam um consumo suficiente para o lucro da fábrica, sem que surtem insatisfeitos contra às empresas ou contra o Estado, por acreditarem viver o que escolheram, e não o que a sociedade impôs que vivessem.

Para além disso, e para manter os operários satisfeitos ao acreditarem que detém o poder de escolha sobre os processos de produção, foi exigido dos trabalhadores a responsabilidade de opinar coletivamente sobre seus trabalhos e a contribuição de ideias sobre como melhorar a sua própria produtividade. Esta foi e é uma artimanha para que se sintam parte de uma equipe e acreditem que tem o poder sobre a organização do seu próprio trabalho. As novas ideias coletadas resultaram em mais trabalho e mais afazeres. Todavia, como participaram das novas configurações por “dentro”, opinando para o que deveria ser feito, os trabalhadores aceitam com mais facilidade e sem relutância. É uma espécie de democracia autoritária, se é que estes dois termos podem ser colocados lado a lado. E Teodoro começa a se conscientizar disto ao longo da narrativa:

Nesta sala, reunidos estamos gentes e máquinas. Não obstante terem avançado em acelerada humanização, as máquinas ainda não falam. Nós, humanos, apesar da espantosa mecanização, continuamos com voz e palavra e, por falha de tempo ou gerencia, desgraçadamente ainda não perdemos a individualidade. Por que não surge a equipe? (PAIM, 1994, p.106).

Este é o novo tipo de alienação que beira as empresas, não tão explícita como a apontada por Marx, mas com certeza eficaz e interiorizada. A flexibilização do sistema envolve o trabalhador, concedem a ele o poder de “voz”, e dessa forma o prende ainda mais no trabalho, minimizando os possíveis conflitos que possam surgir entre a empresa e seus funcionários. Dentro do processo de trabalho que é imposto ao ser humano, a educação vai desempenhar um papel social imprescindível para que tudo isso seja possível. Vejamos:

Acho-me diante do Progresso que, abstrato, tudo invade e impregna. Não perdi o dom de configurar. Vejo-o desmesurado sim, não um gênio, monstro truculento, Colosso de costas para o Pólo Ártico, bota fincada na Norte- América, bota sobre a Europa, armado até os dentes, com firmeza alucinada segurando fios de aço, rédeas com que comanda continentes subalternos de onde suga pujança. Não veio para criar reis, veio para ser reverenciado por escravos. Professora Agripina, acho-me diante de nova e quase irremovível escravatura: liberdade estrangulada, sabedoria venenosa, beleza horripilante. Tenho medo. (PAIM, 1994, p.99)

A segunda parte do romance é dedicada a cinco personagens primordiais para formação questionadora de Teodoro: Professora Agripina, Padre Fidélio, Tio Albano e Homem do Cata-Vento. A começar por Professora Agripina, foi com ela que Teodoro aprendeu sobre os reinos da natureza, sobre o que diferencia o homem dos outros animais, experimentou o prazer, a liberdade de ser capaz de pensar e a soberba de se sentir superior aos outros reinos. Através do pensamento, ele seria capaz de transformar, de construir, de escolher, resolver e realizar por conta própria, diferente do que acreditava acontecer com os demais reinos. Hoje, já maduro e analisando com mais atenção sua condição, é capaz de perceber suas limitações:

Lembro-me que a primeira pedra que vi depois da aula me causou piedade tão grande que o coração doeu. “Pedra você é mineral reino inanimado. “Não sente, não vive, nem pensa. Não seiva ou sangue. Você fica onde jogam você.” Eu amei a pedra pelo que eu possuía e não era possível partilhar com ela. [...]. Homens nascem, crescem, multiplicam-se e morrem. Passam os homens e a pedra que não veio também não parte, perdura. Os homens recebem ponto final, a pedra é o parágrafo do tempo, a ela se acrescentam páginas da História. (PAIM, 1994, p.97).

Mas Teodoro vai além ao detectar agora, mais maduro e experiente, que existe um quarto reino. Tendo vivido e, sobretudo, sobrevivido aos avanços da tecnologia e da Ciência no século XX, chega à conclusão de que o novo reino é o funcionalismo do Estado e da produção privada: a burocracia estatal. Essa é a lei que rege a última década de seu século e que Professora Agripina nem poderia imaginar. Ao analisar a empresa em que trabalha, percebe que rotineiramente são pregados termos acolhedores para que o sucesso e a produção aumentem. A frase “Firma é família” é citada como capaz de se espalhar pelo sangue, se impregnar pela consciência e resultar no automático. Todos dizem que opinar é importante, mas não incomodar a gerência por “pouca coisa” é que parece ser a regra. Faz-se necessário então dialogar com as reflexões de Tragtenberg (2004) sobre a burocracia e como o fenômeno está presente no cotidiano da nossa realidade.

Para o sociólogo, a burocracia é um processo histórico de racionalização originado através da divisão técnica do trabalho e que, nas sociedades capitalistas, tem como fim a organização e, a partir dela, mantém o controle necessário para que se sustente e aumente o seu poder. Toda essa organização que especializa o conhecimento e hierarquiza as funções, divide os trabalhadores e dificulta sua capacidade de auto-organização, quando

consegue separar os que pensam dos que executam. E todo esse processo afeta não somente as condições de organização do nosso trabalho, mas também a nossa produção de conhecimento. A educação se torna então um meio essencial para que isso aconteça (TRAGTENBERG, 2004, p.25).

Ela é utilizada como forma de dominação política e econômica, pois sutilmente escolhe de forma prévia aqueles que terão a possibilidade de permanecer ou subir de posição social, garantindo a reprodução e continuidade de todas as nossas estruturas sociais. A burocracia é então um instrumento de manutenção, dominação de poder e controle social. E isso não se limita ao âmbito privado, as organizações públicas também estão inseridas no processo. Dessa forma, são instituídos procedimentos, regras e normas dentro das empresas – narrado por Teodoro em sua Firma - e dentro da educação – que é questionada através da figura da Professora Agripina - que se justificam em nome de uma maior produtividade e bem estar da sociedade, mas que tem como objetivo controlar as relações sociais entre os indivíduos (Ibidem, p.209).

A empresa cresce, os números de produção aumentam, funcionários são realocados de acordo com a sua “funcionalidade” e, aqueles que não oferecem serviços além do que as máquinas podem oferecer, são simplesmente descartados. E mesmo assim, ninguém se revolta. Mesmo tendo o poder da voz, da palavra, do questionamento, isso não é utilizado a favor dos próprios homens. Apesar de serem uma família, não se dão conta que são a maioria. Isso atormenta Teodoro e faz-nos acreditar que Paim, apesar de afastada de partidos políticos, não deixa morrer a ideia de resistir. Teodoro narra à Professora o nascer de uma empresa que cresce através do trabalho dos funcionários, e os descarta por não servirem às novas necessidades:

Custamos apenas nove meses em um ventre, algum tempo engatinhando, pondo-nos de pé com livro na mão e mestres, privados ou oficiais, nos ensinando a amar e obedecer. “Nenhuma revolta” – nos martelam anos seguidos. Amem a Firma, a Folha de pagamento, a sombra do Chefe, qualquer chefe. Por que tamanho amor e ausência de rebelião? Patente, óbvio, companheiros. Somos substituíveis sem dor para os mandantes. (PAIM, 1994, p.107).

A metáfora que explica bem isso é comparar o cérebro a um músculo que, quando devidamente treinado, é capaz de realizar e suportar o que foi preparado para fazer durante toda a sua vida: trabalhar e obedecer, e não necessariamente nesta ordem. Então cria-se cada vez mais escolas profissionalizantes e está feita a divisão social do trabalho: uns elaboram e pensam, a administração; outros obedecem e executam, os trabalhadores. É nesse ideal que a educação também é um importante meio de sobrevivência do capitalismo, fundamentada na hierarquização do trabalho e nos princípios de uma economia de mercado. Vivemos uma era em que o conhecimento foi tomado pelo capital. E esse fato dá o poder a ele de controlar e fragmentar o conhecimento a partir de qualificações que ele dita como suficientes para seus objetivos. Nenhum conhecimento a mais, nenhum conhecimento a menos. Neste contexto, a escola serve para que toda essa estratificação e subordinação social sejam perpetuados.

A educação age de maneira a transformar o homem em um ser pacífico e obediente, e o destina a ocupar lugares pré-estabelecidos pelo sistema, dificultando o conflito ou a mudança social do trabalhador. Os alunos que não chegam a ter acesso à educação já são excluídos de boa parte das oportunidades, e aos que tem acesso ao sistema de ensino – que ainda é autoritário –, a eles são transmitidos os valores e conhecimento suficientes para que toda a desigualdade social que vivemos hoje seja mantida por muito tempo.

A escola se transformou em uma fábrica de seres humanos conscientes do seu dever de trabalhar e dispostos a se qualificar o suficiente para não serem substituídos por máquinas, por outros colegas, e pelo tempo, dado que devem estar dispostos a acompanhar as mudanças sociais que acontecem. Se qualificar é empreender, é investir em si mesmo ou em outra pessoa para que ela possa garantir seu emprego, e conseqüentemente sua vida. A educação virou uma espécie de investimento. Todo o utilitarismo por trás da instituição educacional, que serve ao mercado, e não à construção e formação de um pensamento crítico do ser humano, é a causa do enfraquecimento das ciências humanas:

Para Letras, Direito, Comunicação e Filosofia não há demanda no mercado de trabalho. “Hoje o senhor lida com cortinas concretas, breve passa às abstratas, arranca o véu das verdades, responde às indagações eternas do homem.” Soava pedante esse consolo alinhavado, muitas vezes não abrir a boca é mais eloquente. Sorriso escabriado, revertendo os apetrechos à pasta negra, apontou para Carlos:

“Coloque-o na área da Eletrônica.” Fui além, com premonição de futuras demandas, imaginei meu garoto pós-graduando-se em Berlim ou Tóquio, a lidar com programação de robôs (PAIM, 1994, p.159).

É esse o mundo que Teodoro critica em sua velhice e apresenta a sua educação libertadora através da Professora Agripina, que se distancia do autoritarismo que está vivendo no romance.

Para Maurício Tragtenberg (2004, p. 35), a educação sofreu mudanças para acompanhar a necessidade de mão-de-obra que a industrialização precisava. Não é mais qualquer operário que serve ao padrão de uma empresa, ele precisa saber se adequar, escrever, contar e ler para desempenhar as funções que se espera dele, por isso o crescimento do ensino primário e secundário. Mas ao contrário do que se pensa, estando diante de um diploma, este representa apenas um valor simbólico, pois quando a quantidade de diplomas aumenta, a mão-de-obra barateia ainda mais e é isto que o sistema deseja. Portanto: “muitos serão os chamados e poucos os escolhidos”:

Todo dezembro, os portões das Universidades se escancaram e rebanhos de doutores espalham-se aos quatro ventos. Melhor, os ventos espalham doutores que acabam se acomodando em qualquer sítio onde assentam como poeira. Era de inflação de moedas, velhos e doutores. O Progresso convoca e, atordoado diante das presenças, atravanca o planeta de reservistas. Situação bíblica, muitos serão os chamados e poucos os escolhidos. (PAIM, 1994, p.159).

A escola disciplina e prepara a mão de obra para a burocracia estatal e para as indústrias, e o aumento de cursos técnicos e de capacitação narrados no romance atestam esse fato. O aluno é controlado pelas notas e pelos exames, o professor é controlado pelos títulos e nomeações que consegue acumular durante a carreira. Com a democratização do ensino, criou-se a falsa ideia de que estariam todos ganhando uma reforma estrutural na educação. O que aconteceu, na verdade, foi que uma parte considerável de alunos de fato conseguiu se formar nas universidades e se tornaram médicos, arquitetos, professores ou engenheiros, em “abundância”.

Essa pequena parte formada foi suficiente para baratear o seu trabalho e dar retorno ao capital investido ao se tornarem assalariados. Vemos que a problemática da educação autoritária é política, social e econômica. Todos nós só somos úteis ao sistema capitalista enquanto oferecermos algo em troca e movimentarmos, diretamente ou não, o mercado. E é por isso que o velho é desvalorizado nessa sociedade. Dessa forma, a educação, a saúde, o lazer e o trabalho só são oferecidos à população brasileira para que toda a desigualdade social seja mantida. Vejamos o que Tragtenberg nos alerta sobre o problema e que lembra muito bem o que acontece com Tio Albano, internado pelos familiares por negar sua herança à própria família:

O chamado “louco” em 90% dos casos é um homem carente de formação profissional, afeto e atenção. Seu confinamento não resolve, mas agrava o problema, torna-o um doente crônico. Ele é necessário para manter os hospitais psiquiátricos, a equipe de burocratas e para dar a impressão de que aquele que está além dos muros do hospício é “normal”. Na realidade, o que está fora do hospício ainda é produtivo para a reprodução do capital, em função de doenças sociais contraídas na maioria por péssimas condições de trabalho: ruído industrial, jornada extensa de trabalho, aumento da ansiedade e tensão nervosa em consequência de um urbanismo a serviço do capital (TRAGTENBERG, 2004, p.202).

Em contrapartida, a educação que Tragtenberg defende é uma educação sem castigos e sem prêmios. A burocracia pedagógica é totalitária: o aluno obedece ao professor, que obedece ao diretor, que obedece à instituição, que é comandada pela demanda do mercado e por interesses privados. Esse sistema transforma a nota ou a bonificação em um fetiche que retira a atenção de quem, por alguma razão, não conseguiu alcançar o primeiro lugar. E são eles que, muitas vezes, precisam ser ajudados. Esse sistema reproduz a divisão de classe em que nos encontramos hoje. Os que conseguiram chegar ao primeiro lugar são tomados pelo sentimento de competição, e os que ficaram por último acabam por ser excluídos das oportunidades (Ibidem, p.79).

O autor constata que a burocracia tenta se legitimar através do que faz parecer ser o interesse da nação e do próprio proletário. A organização e hierarquia que ela prega pode ser facilmente comparada como uma forma de controle. E é a partir do controle que ela consegue

se legitimizar e obter privilégios: mantendo uma distribuição desigual de poder. Na realidade, a grande massa perde o poder de voz, e alguns poucos ganham este poder, porém nada fazem por estarem satisfeitos com o que lhes foi dado através do seu esforço. A outra minúscula parte da sociedade, real detentora do poder, não só mantém e aumenta seu poder como também preserva toda essa estrutura social (Ibidem, p.210).

Isso só tem ocasionado mais autoritarismo dentro da sociedade brasileira, seja no âmbito educacional ou no âmbito profissional. Se a ideia de que a real liberdade consiste em aceitar pensamentos diferentes como uma maneira de mudar uma realidade que se mostra socialmente desigual não for disseminada, a nossa sociedade não terá esperanças. Essa liberdade é roubada pela organização da burocracia, uma vez que separa profissionais por títulos, funcionários por escalões e alunos por notas e especializações. Isso divide ainda mais os trabalhadores e dificulta sua organização, fazendo com que percam autonomia sobre si mesmos e participem, inconscientemente, de toda essa injustiça organizada. Nossa sociedade continua escolhendo previamente e por interesses particulares, os que vão ser os excluídos e os que permanecerão sendo escolhidos. Por isso Teodoro se lamenta:

A devoção desloca-se das imagens de altar para os sucessos da Ciência e da Técnica. Não sou refratário às conquistas do saber, do vasculhar o espaço ao mínimo microfone japonês. Recebo com regozizo as façanhas do pensamento e logo estremeço ao imaginar que logo se vão transformar em ameaças, engenhos de opressão e guerra. Dolorosa ambivalência. Com isso a juventude não enxerga horizonte. Por que se firmar para uma vida futura, se todos duvidam de que realmente exista um tempo desdobrado onde recolheu realizações? (PAIM, p.129, 1994)

Já sobre Padre Fidélio, que o acompanha desde o início da narrativa, demonstra o papel que a Igreja tem de moldar a conduta das crianças desde pequenas. Teodoro é aconselhado por ele, desde novo, a calar-se diante do que a Igreja diz. Primeiro, ao narrar a história do padre, conta que o próprio virou padre não por devoção, mas sim por ser o único jeito de não ser pobre na época e ter uma educação boa. Ainda deixa escapar que se apaixonou pela madrinha de Teodoro, mesmo sabendo que esse amor era impossível para um padre. Madrinha que narra sua história com grande tristeza, pois teria tido um futuro brilhante

na música, pianista nata, e que, inclusive, ensinou aulas de música a Teodoro. Paim, então, deixa escapar sua tendência de refletir sobre as injustiças direcionadas às mulheres.

Estava sendo preparada para dar meu primeiro concerto quando fui vendida. Sim, Fidélio, vendida para saldar dívidas como era de uso se fazer com escravos. Para transação de negros uma escritura para minha venda, venda de uma filha, uma certidão de matrimônio. Lembro como se fosse agora a sentença que cortou o fio de minha carreira. Com duas frases, o noivo, depois de um ensaio do concerto, diante de meu pai e do Maestro Fróes, estraçalhou meu futuro: “Prenda de noiva vai ser cabedal do marido. Mulher que vai me pertencer não se exhibe como saltimbanco.” Sua madrinha é um pássaro em gaiola de bronze (PAIM, p.118, 1994).

Já sobre Tio Albano, temos que depois da morte do Velho Soares, grande patriarca da Vila e da família de Teodoro, a herança de suas terras fora herdada pelos gêmeos – Martim e Albano. Após a morte do primeiro, todas as aquisições que os dois haviam feito multiplicar através da herança do pai, parecem ter sido destinadas aos menos afortunados.

Mas na sala paroquial confiava aos amigos: “Já chamam a fazenda de Vila São Martim. Deus me perdoe, mas aquilo que eu vi é cidade de nascença e abençoada. De um todo, padre Fidélio. Até os riscados de um hospital, do asilo de velhos, do orfanato e da escola estão subindo do chão, nos alicerces mais bonitos que meus olhos já enxergaram. Lá não tem o vício da aberração, corre dinheiro de mão em mão. Quem trabalha vende e recebe e paga. Não é só gado nas pastagens. Com os alforriados foi gente de cana e do algodão. Lavoura que é uma beleza. Tudo cheio da poderosa graça de Deus, seu Josafá. (PAIM, 1994, p.139).

Igrejas foram construídas com material de qualidade, alforriados iam em busca de oportunidade de trabalho, mercadorias se deslocavam a montes e, junto a isso, o florescimento do sentimento de insatisfação dos senhores de terra, por acreditarem que Albano estava quebrando o comércio da região. Multidão feliz e unida causa medo a qualquer instância que deseja estar no poder. Fazendeiros e seus capangas logo tomaram conta do local e Tio Albano, depois de ser internado por oito meses no hospício, simplesmente desapareceu e foi considerado louco pela maioria da família de Teodoro. Ao que tudo indica, tudo na Vila de São Martim foi destruído. Para Padre Fidélio, fiel e amigo de Albano, esse episódio significou a vinda de Nazareno, Deus do romance, e é em nome dele também que Teodoro decide lutar sem medo, o que demonstra que a religião continuou na vida do protagonista até a sua velhice.

Tio Albano era louco” “Nunca! Nas duas existências dele, foi o homem mais lúcido e inteligente que conheci.” “Pregou Bíblia nas feiras?” “De sua boca não saíram salmos, velhos profetas ou Apocalipse.” “E então?” “O Evangelho estava nos atos.” Se era lúcido e pacífico, nada justificava que amotinasse contra ele (PAIM, 1994, p.135).

O último personagem a incitar de vez mudança interior de protagonista é o Bacharel do Cata-Vento, cujo modo de vida, lendo ao ar livre e despreocupado, causou imensa admiração em Teodoro. Talvez por isso seu sonho de viver a aposentadoria tranquila com Alzira. Marca registrada de suas obras, a palavra e a leitura sempre vão ocupar um papel de destaque nos escritos de Paim. Bacharel é a personificação do poder da literatura. Como já foi dito, são os romances de Virginia Woolf, Flaubert e Tolstoi que constroem o caráter revolucionário de Teodoro.

Seus olhos, Teodoro. Ai, se falar!” Palavras de doutor Epaminondas, Homem da Revolução. Bacharel do Cata-Vento, sou um atingido, criatura medonha para a segurança do Estado. Apenas pelos olhos. Depois do conselho, emudeci total. Mudo e vista baixa, transformei-me. Muito além de liberal, agora. Atingido ganha nova psicologia, aos poucos vai do desejo de usar pedras para o sonho de apertar gatilhos e arremessar bananas de dinamite. (PAIM, 1994, p. 161)

Teodoro foi ensinado a não ser levado pela maré e a não se apagar na história. Seu pensamento, a partir desse momento, já chegando perto da sétima manifestação, é de que é melhor morrer ou desaparecer lutando, do que continuar existindo sem realmente viver. Não abrir mão voluntariamente do tempo, da liberdade, do pensamento, do que necessariamente aprendeu que o torna um homem, seu patrimônio inalienável, agora parece ser o que te move.

As vezes penso, teria Genaro destino diverso se houvesse envelhecido em outro país? Em ditadura ou democracia, alterava-se o final, aqueles pulsos com algemas de esparadrapo? Volto-me para mim mesmo. Em ditadura ou democracia, mais leve a carga sobre meus ombros? Tento iludir-me mas escorrego sem que nada me detenha até estatelar-me na certeza de que nada ia mudar aquilo que se caracteriza como peso maior em nossa condição. (PAIM, 1994, p.163).

Por fim, é isto que o romance quer alertar. Paim deixa em aberto a forma pela qual Teodoro vai partir para lutar pelos seus direitos, pela organização dos velhos trabalhadores. A última citação deixa o leitor se perguntando em qual modelo de sociedade o velho teria seus direitos devidamente reconhecidos, e vimos que qualquer sistema que resuma o ser humano em sua produtividade vai ser capaz de descartá-lo. Além de incitar a mobilização do povo sem distingui-los por classe, sexo, idade ou cor, o romance se mostra capaz de conscientizar e alertar sobre o futuro de uma geração, já que envelhecer é o curso natural da vida.

Se a leitura não conscientizar, ao menos atinge o ponto fraco de cada leitor que esteja atento a sua própria vida, já que alguns tendem a ter mais dificuldade a pensar sobre os problemas dos outros. Sem privilegiar gênero, sem distinguir por classe ou ideologia política, e fiel aos temas que abordou durante toda a sua vida como escritora, Paim deixa uma narrativa que pode contribuir para o crescimento interior do leitor que, por ventura, venha a ter contato com a sua obra. Calar não é o melhor caminho para que a sociedade mude. E é a união que Paim parece querer incitar, através das memórias de Teodoro:

À direita e à esquerda, coletivos, caminhões, motos, automóveis. O que mais me admirava era o silêncio. Parecia mundo morto, viventes em pânico largaram abandonadas gaiolas sobre pneus. E tudo começou com o meu poder. Vanguarda e retaguarda paralisadas. (PAIM, 1994, p. 178)

Sobre isto, Lilia Schwarcz (2019), em seu livro *Sobre o autoritarismo brasileiro*, conclui que, para além de ditaduras militares, o Brasil, desde os primórdios, carrega o ranço do autoritarismo que se esvai para as diferentes esferas da sua sociedade, tornando-a hierárquica e distante de uma verdadeira democracia. A violência da escravidão contribuiu para que esse nosso quadro se perpetuasse, uma vez que foi além de um sistema econômico. Ela foi capaz de moldar condutas que diferenciavam pessoas através do sexo e da cor, definiu desigualdades sociais através da divisão do trabalho manual e intelectual, da concentração de renda e construiu uma sociedade marcada por favoritismos e trocas, através de práticas de mando e de obediência. E para que toda essa estrutura fosse mantida, precisou da conivência do Estado e da legislação (SCHWARCZ, 2019, p.224).

Todo esse quadro tem origem no passado colonial, com o uso exacerbado da mão de obra escrava como regra, a concentração de terra e poder nas mãos dos grandes proprietários, a venda de títulos para a concessão do status da nobreza, ou seja, a política de favores que desembocaria no coronelismo e patrimonialismo, e com a ausência do Estado para remediar e impor limites aos poderes que se estruturavam a partir de então. Desde então, de diferentes formas, reina um vício entre a figura do Estado e a sociedade, que confundem a esfera pública e privada, e tendem a colocar o particular em detrimento do coletivo.

A política continua sendo patrimônio de grandes famílias, a exemplo do que aconteceu com Tio Albano, e os cargos públicos continuam sendo conquistados através de influências, quadro que o próprio Teodoro faz parte, quando sem perceber, se torna funcionário público de um dia para o outro através de contatos. Isso só atesta como o interesse privado ainda é colocado em primeiro lugar, e o coletivo é deixado de lado. A autora aponta o problema como sintoma do caráter personalista e autoritário do Estado brasileiro tem com a sociedade. E a consequência disto é a exclusão de grupos vulneráveis que precisam de benefícios do Estado para que sejam formalmente incluídos, como os negros, as mulheres, os deficientes físicos ou mentais, os índios, e, no caso do romance de Paim, os velhos (SCHWARCS, 2019, p.175).

Concluimos então que a cordialidade brasileira não passa de mera ilusão, pois o que vemos em regimes ditatoriais ou nas democracias capitalistas, é que elas se utilizam de crises para legitimar o seu poder e reafirmar hierarquias, preconceitos, concentração de renda e desigualdades sociais em nome da segurança nacional, que no final das contas é norteada por interesses privados, e não coletivos.

Dessa forma, existe uma falsa sensação de mudança, quando, na verdade, são criadas novas formas de subordinação, enquanto os direitos basilares da democracia são retirados sem que tenhamos consciência imediata do problema, como o direito de se manifestar livremente, de questionar a política, ensinar livremente e de escolhermos nossos representantes. Todos problemas que foram narrados, ainda que indiretamente, por Teodoro.

No caso da ditadura militar, apesar de Teodoro se fixar nos problemas psicológicos causados pela supressão dos seus direitos, sabemos que houve também muita corrupção, silenciada devido aos mecanismos de censura e controle sobre as questões políticas

que estão presentes em um regime ditatorial. Por essa razão, criou-se a falsa ilusão de que não houve corrupção, enquanto outros problemas da sociedade continuaram inalterados. É isso que percebemos no romance *A sétima vez*: a continuidade de práticas que dizem ter deixado de existir com a modernidade, como a política de sangue e o favoritismo da família patriarcal de Teodoro - que o próprio se coloca como crítico e que “inconscientemente” faz parte. O autoritarismo que gira em torno da educação e do trabalho, que antes servia como realização pessoal, servem no romance como maneira de perpetuar a hierarquização e a desigualdade da sociedade brasileira. Por isso o aviso:

Bem-aventurados os cegos, surdos, mudos, sem gosto nem olfato, para eles não se forjaram as grades. Bem-aventurados os inertes e submissos, deles é o pão na folha de pagamento.” Nesses dois conceitos está enclausurado o homem em política e trabalho. (PAIM, 1994, p.129)

CONCLUSÃO

Foi visto então que a criação literária não está comprometida em transmitir a realidade, todavia, como o processo criativo não consegue se dissociar inteiramente das experiências e das memórias, estas podem ser consideradas indissociáveis da obra, potencializando ou não a realidade. É a partir da história que poderemos analisar até que ponto a história oficial influenciou a escrita do autor, como também identificar o que resistiu ao que foi imposto. Aceitar a verdade da arte não é negar a verdade da história.

Aceitando a verdade da literatura, partimos para a análise da obra *A sétima vez* e interpretamos a realidade do sexagenário Teodoro como sintoma do sistema capitalista, que continua se aperfeiçoando na exploração da força de trabalho do ser humano, com novas formas de sujeição social que aparecem na sociedade como melhorias, quando na verdade, são criadas para que toda a nossa desigualdade social permaneça inalterada.

Na prática, o fato é perceptível através da forma autoritária em que são organizados o trabalho e a educação brasileira; e da política de favoritismo e desordem entre a esfera pública e os interesses privados – que tendem a se confundir. A desvalorização do velho é, dessa forma, a desvalorização do ser humano desde o seu nascimento, quando o preparamos desde o início da vida ao trabalho, e depois de exaurirmos todas as suas forças, retiramos dele o direito ao mesmo, devido aos limites físicos que o envelhecimento traz. A exclusão social que legamos ao velho é sutil, se pensarmos no âmbito privado, quando diminuimos sua voz por acreditarmos que o que eles têm a dizer já é ultrapassado. Todavia, Teodoro é capaz de demonstrar a importância de se ouvir com atenção a experiência e o conselho de quem muito já viveu. No caso do romance, um testemunho ficcional do impacto psicológico que a ditadura militar brasileira causou no velho trabalhador.

A valorização do homem não deve ser interpretada através de mecanismos que o eduquem o suficiente para trabalhar ou que cuidem de sua saúde o suficiente para aguentar as condições do seu trabalho. Prolongar a vida do homem sem oferecer os meios necessários para que tenha uma vida digna é ser injusto consigo mesmo, uma vez que envelhecer é o curso natural de todo ser humano. *A sétima vez* é uma obra importante por expor todas estas questões. É uma ficção sobre a desvalorização do ser humano, e que não discrimina por sexo, cor, cultura ou idade. Todos nós, conscientes ou não, estamos sendo reduzidos ao trabalho, e isso ocasionou, no caso de Teodoro, uma crise de identidade ampliada pelo contexto

autoritário que exigia silêncio. Que estejamos atentos a reagir a toda esta imposição sem que precisemos ser sexagenários, ou viver, mais uma vez, a supressão de nossas liberdades individuais para nos darmos conta que esse não é o modo de vida que queremos para a nossa geração, nem para qualquer outra.

A valorização do velho é a valorização do futuro de todos nós. O trabalho e a educação não devem ser autoritários. Antes devem fazer com que o ser humano se realize pessoalmente e esteja consciente dos seus deveres e obrigações perante a sociedade, só assim almejaremos a diminuição das desigualdades sociais que tendem a permanecer no Brasil. Apesar de não ser a tendência da escritora colocar toda a narrativa em torno de um homem, podemos concluir que Paim foi fiel ao seu gosto, ao escrever sobre as desigualdades que atingem as minorias socialmente construídas. O romance é um convite aos que queiram refletir sobre, principalmente, três temáticas: desvalorização do velho, o trabalho e a educação na sociedade capitalista. Por fim, o lembrete é que, assim como Teodoro, não deixemos que o autoritarismo do sistema reduza o nosso poder de voz, pois dentro da verdadeira democracia, e da família feliz, todos devem gozar do uso de palavra.

BIBLIOGRAFIA:

Da autora:

PAIM, Alina Leite. *A Correnteza*. Rio de Janeiro: Record, 1965.

PAIM, Alina Leite. *A Hora Próxima*. Rio de Janeiro: Editora Vitória, 1955.

PAIM, Alina Leite. *A Sétima Vez*. Aracaju: Coleção Ofenísia Freire/ Fundesc, 1994.

PAIM, Alina Leite. *A Sombra do Patriarca*. Rio de Janeiro: Editora Vitória, 1950.

Dissertações:

ALMEIDA, Daniele Barbosa de Souza. *A trajetória heroica em A Correnteza, de Alina Paim: uma leitura mítico-psicológica*. São Cristóvão: PPGL/UFS, 2010. (Dissertação de mestrado).

MENEZES, Fabiana Lisboa Ramos. *Pelos trilhos da memória: Alina Paim e o realismo socialista em A Hora Próxima*. São Cristóvão: PPGL/UFS, 2016. (Dissertação de mestrado)

SAMPAIO, Ninalcira de Lemos. *O arco da memória: Literatura e História em A Sétima Vez, de Alina Paim*. São Cristóvão: PPGL/UFS, 2012. (Dissertação de mestrado)

SANTOS, Aline Suelen. *O mito e o maravilhoso na literatura infantil de Alina Paim*. São Cristóvão: PPGL/UFS, 2012. (Dissertação de mestrado)

SANTOS, Fabiana dos. *O imaginário da educação no romance Estrada da Liberdade, de Alina Paim*. São Cristóvão: PPGE/UFS, 2011. (Dissertação de mestrado)

SILVA, Marcio Carvalho. *A saga de Raquel nas terras do patriarca: o mito da donzela-guerreira na narrativa de Alina Paim*. São Cristóvão: PPGL/UFS, 2017. (Dissertação de mestrado)

Geral:

ANTUNES, Ricardo; PINTO, Geraldo Augusto. *A fábrica da educação: da especialização taylorista à flexibilização toyotista*. São Paulo: Cortez, 2017.

BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2018.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8ª. ed. revista. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembrança dos velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Ática, 1985.

CANDIDO, Antonio; Rosenfeld, Anatol; Prado, Décio de Almeida; Gomes, Paulo Emílio Salles Gomes. *A personagem de Ficção*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

CARDOSO, Ana Leal. A obra de Alina Paim. *Interdisciplinar*, São Cristóvão, v.8, p. 35-45, jan.- jun, 2009.

CARDOSO, Ana Leal. Alina Paim: uma romancista esquecida nos labirintos do tempo. *Aletria*, São Cristóvão, v.20, n,2, p.125-132, maio-ago, 2010.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/Editora UNESP, 1998.

COELHO, Nelly Novaes. *Feminino singular*. São Paulo: Arquivo Municipal, 1989.

GILFRANCISCO. *A Romancista Alina Paim*. Aracaju: Edições GFS, 2008.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 27. ed. São Paulo: Editora Schwarcz, 2016.

LUCAS, Fábio. *O caráter social da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra., 1970.

SANTOS, Milton. *Por Uma Outra Globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: BestBolso: 2011.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. 1ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

TELLES, Norma. *Encantações: escritoras e imaginação literária no Brasil, século XIX*. São Paulo: Intermeios, 2012.

TRAGTENBERG, Maurício. *Sobre educação, política e sindicalismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

WELLEK, René; WARREN, Austin. *Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários*; tradução Luís Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 2003.